



UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE LETRAS E LINGUÍSTICA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS LINGUÍSTICOS
CURSO DE MESTRADO



UNIVERSIDADE FEDERAL
DE UBERLÂNDIA

LARISSA CAMPOI PELUCO

FORMAS IMPERATIVAS EM TIRINHAS DE JORNAIS PUBLICADAS
NA CIDADE DE UBERABA NOS SÉCULOS XX E XXI

UBERLÂNDIA - MG

2016

LARISSA CAMPOI PELUCO

**FORMAS IMPERATIVAS EM TIRINHAS DE JORNAIS PUBLICADAS
NA CIDADE DE UBERABA NOS SÉCULOS XX E XXI**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos do Instituto de Letras e Linguística, da Universidade Federal de Uberlândia, como requisito para obtenção de título de Mestre em Estudos Linguísticos.

Área de concentração: Estudos Linguísticos e Linguística Aplicada

Linha de Pesquisa: Teoria, descrição e análise linguística

Orientadora: Prof^a Dr^a Maura Alves de Freitas Rocha

UBERLÂNDIA - MG

2016

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da UFU, MG, Brasil.

P393f
2016 Peluco, Larissa Campoi, 1990-
 Formas imperativas em tirinhas de jornais publicadas na cidade de
 Uberaba nos séculos XX e XXI / Larissa Campoi Peluco. - 2016.
 75 f. : il.

 Orientadora: Maura Alves de Freitas Rocha.
 Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Uberlândia,
 Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos.
 Inclui bibliografia.

 1. Linguística - Teses. 2. Sociolinguística - Teses. 3. Língua
 portuguesa - Verbos - Teses. 4. Língua portuguesa - Imperativo - Teses.
 I. Rocha, Maura Alves de Freitas. II. Universidade Federal de
 Uberlândia. Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos. III.
 Título.

CDU: 801

LARISSA CAMPOI PELUCO

**FORMAS IMPERATIVAS EM TIRINHAS DE JORNAIS PUBLICADAS
NA CIDADE DE UBERABA NOS SÉCULOS XX E XXI**

Dissertação apresentada como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre no Programa de Pós- Graduação em Estudos Linguísticos da Universidade Federal de Uberlândia (MG) pela banca examinadora formada por:

Uberlândia, 27 de julho de 2016.

Profª. Dra. Maura Alves de Freitas Rocha
Universidade Federal de Uberlândia – UFU (orientadora)

Prof. Dra. Eliana Dias
Universidade Federal de Uberlândia- UFU

Prof. Dra. Juliana Bertucci Barbosa
Universidade Federal do Triângulo Mineiro – UFTM

AGRADECIMENTOS

Agradeço aos meus pais, Oscar e Claudia, por toda educação, apoio e amor.

À minha orientadora, Profa. Dra. Maura Alves de Freitas Rocha, sem a qual este trabalho não teria sido possível. Obrigada pelo estímulo, apoio, ensinamentos, conselhos, orientação e paciência.

Às professoras Dras. Adriana Cristina Cristianini e Marlúcia Maria Alves pelos comentários e sugestões, durante a qualificação deste trabalho.

Aos professores do Mestrado, pela riquíssima troca de conhecimentos.

Aos meus amigos, em especial, Fernanda, Clarissa, Silvania, Paula, Amanda, Camila, Graziela, Maria Cecília e Diogo, por compartilharem momentos de alegria, cumplicidade e sempre torcerem por mim. Agradeço à Éricka, meu braço direito nesta caminhada. Dividimos muitos momentos nestes dois anos de mestrado, uma sempre apoiando a outra.

Aos meus professores da graduação, especialmente à Profa. Dra. Juliana Bertucci Barbosa, que me inspirou como profissional.

Aos demais colegas, amigos e familiares que, direta ou indiretamente, participaram desta etapa da minha vida, muito obrigada.

RESUMO

Esta dissertação investigou a variação no uso das formas verbais imperativas em tirinhas de jornais publicados em Uberaba nos quinze primeiros anos dos séculos XX e XXI. O uso de orações imperativas do português brasileiro na modalidade falada e escrita indica que este fenômeno está em processo de variação. Pesquisas linguísticas já realizadas, como as de Scherre (2004, 2005), Borges (2005) e Alves (2008), apontam que o uso do imperativo se afasta da norma padrão, favorecendo a alternância entre formas associadas ao indicativo ou ao subjuntivo. Com base nessas constatações e na concepção de que a língua é heterogênea e sofre variações ao longo do tempo devido à influência de fatores linguísticos e extralinguísticos, observamos se essa alternância ocorre no português escrito da cidade de Uberaba, Minas Gerais, em dois momentos sincrônicos: nos quinze primeiros anos do século XIX e século XX. Os dados foram coletados dos jornais Lavoura e Comércio e Jornal da Manhã, ambos uberabenses. Os resultados revelam que as tirinhas publicadas nos quinze primeiros anos do século XX favorecem o uso do imperativo na forma subjuntiva com frequência de 85%, enquanto que, as tirinhas publicadas nos quinze primeiros anos do século XXI favorecem o uso do imperativo na forma indicativa com frequência de 97%, confirmando a hipótese de que o século XX favorece o imperativo associado ao subjuntivo, enquanto que o século XXI favorece o imperativo associado ao indicativo.

Palavras-chave: sociolinguística paramétrica; imperativo; variação linguística; mudança linguística; português brasileiro.

ABSTRACT

This work had as main objective to investigate whether there is variation in the use of the imperative verb forms in strips of newspapers published in Uberaba in the twentieth and twenty-first. The use of imperative sentences of Brazilian Portuguese in spoken and written form indicates that this phenomenon is in process variation. Language studies already conducted, as Scherre (2004, 2005), Borges (2005) and Alves (2008), indicate that the use of the imperative departs from the standard norm, favoring switching between forms associated with the indicative or subjunctive. Based on these findings and in view that the language is heterogeneous and varies over time due to the influence of linguistic and extralinguistic factors observed if this alternation occurs in written Portuguese at Uberaba city in two synchronic moments in the first fifteen years of the twentieth and twenty-first centuries. The data were collected from newspapers *Lavoura e Comércio* and *Jornal da Manhã*, both from Uberaba. The results show that the cartoons published in the first fifteen years of the twentieth century favor the use of the imperative in the subjunctive form with a frequency of 85%, while the cartoons published in the first fifteen years of the twenty-first century favor the use of the imperative in the indicative with a frequency of 97%, confirming the hypothesis that the twentieth century favors the imperative associated with the subjunctive, while the twenty-first century favors the imperative associated with the indicative..

Keywords: sociolinguistics parametric; imperative; linguistic variation; linguistic change; brazilian portuguese.

LISTA DE TABELAS

TABELA 1: Correlação de línguas.....	16
TABELA 2: Efeito da polaridade da estrutura no uso do imperativo na forma indicativa - diálogos de histórias em quadrinhos da Turma da Mônica publicadas em 1998 e 1999 - contexto de pronome <i>você</i>	20
TABELA 3: Efeito da presença, tipo, localização e pessoa dos pronomes No uso do imperativo na forma indicativa Diálogos de histórias em quadrinhos da Turma da Mônica publicadas em 1998 e 1999 - Contexto discursivo do pronome <i>você</i>	22
TABELA 4: Efeito do vocativo no uso do imperativo na forma indicativa - diálogos de histórias em quadrinhos da Turma da Mônica publicadas em 1998 e 1999 – contexto discursivo do pronome <i>você</i>	23
TABELA 5: Distribuição do imperativo verdadeiro/imperativo supletivo devido ao contraste entre frase afirmativa vs. frase negativa em dados do Rio de Janeiro, Salvador e Recife	27
TABELA 6: Ocorrências das formas padrão e variante dos verbos no imperativo no corpus (geral)	30
TABELA 7: Ocorrências das formas imperativas no singular e plural	30
TABELA 8: Ocorrências das formas padrão e variante em verbos acompanhados do pronome <i>me</i> antes do verbo.....	30
TABELA 9: Ocorrências das formas padrão e variante em verbos acompanhados do pronome <i>me</i> posposto ao verbo	31
TABELA 10: Visão geral dos resultados.....	48
TABELA 11: Clítico anteposto x Subjuntivo/Indicativo x Variável dependente	57
TABELA 12: Clítico posposto x Subjuntivo/ Indicativo x Variável dependente.....	58

LISTA DE GRÁFICOS

GRÁFICO 1: Subjuntivo/ Indicativo x Variável Dependente	50
GRÁFICO 2: Inversão do Subjuntivo e Indicativo nos séculos XX e XXI	51
GRÁFICO 3: Clítico x Variável dependente	52
GRÁFICO 4: Vocativo posposto/ausente x Variável dependente	53
GRÁFICO 5: Polaridade da estrutura x Variável dependente	55
GRÁFICO 6: Ausência de Clítico x Subjuntivo/Indicativo x Variável dependente	56
GRÁFICO 7: Variável dependente x Subjuntivo/Indicativo x Ausência de vocativo ..	59
GRÁFICO 8: Variável dependente x Subjuntivo/Indicativo x Vocativo posposto.....	60
GRÁFICO 9: Variável dependente x Subjuntivo/Indicativo x Polaridade afirmativa ..	61
GRÁFICO 10: Variável dependente x Subjuntivo/Indicativo x Polaridade negativa ..	62

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
CAPÍTULO 1: REFERENCIAL TEÓRICO	11
1.1 A Sociolinguística Laboviana	11
1.2 A Sociolinguística Paramétrica (Harmonia Transistêmica)	14
1.3 A mudança linguística	17
1.4 Estudos relevantes sobre o assunto	19
1.4.1 Scherre (2003)	19
1.4.2 Scherre (2007)	25
1.4.3 Borges (2005)	29
1.4.4 Alves (2008)	31
1.5 A visão de diferentes gramáticas e um Dicionário de Linguística	33
1.5.1 A proposta de Chaves de Melo (1970)	33
1.5.2 A proposta de Castilho (2010)	34
1.5.3 A proposta de Cunha e Cintra (2010)	34
1.5.4 A proposta de Bagno (2014)	35
1.5.5 A proposta de Câmara Jr. (1977)	37
1.5.6 O tratamento <i>tu</i> e <i>você</i>	38
1.6 Resumo	39
CAPÍTULO 2: PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	40
2.1 O <i>corpus</i> da pesquisa	41
2.1.1 Jornal Lavoura e Comércio	42
2.1.2 Jornal da Manhã	42
2.2 O <i>corpus</i> utilizado: tirinhas - Uma reflexão sobre o gênero	42
2.3 Hipóteses	44
2.4 Objetivos	44
2.5 O envelope da variação	45
2.6 Resumo	47
CAPÍTULO 3: DESCRIÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS	48
3.1 Variável dependente: os séculos XX e XXI	49
3.2 Variáveis independentes	49
3.2.1 Imperativo associado ao Subjuntivo e associado ao Indicativo x Variável dependente	49
3.2.2 Clítico posposto/antesposto/ausente ao verbo x Variável dependente	52
3.2.3 Vocativo anteposto/posposto/ausente x Variável dependente	53
3.2.4 Polaridade da estrutura x Variável dependente	54
3.3 Cruzamento dos dados	55
3.3.1 Clítico x Subjuntivo/ Indicativo x Variável dependente	56
3.3.2 Vocativo x Subjuntivo/Indicativo x Variável dependente	59
3.3.3 Polaridade afirmativa e negativa x Subjuntivo/ Indicativo x Variável dependente	61
CONSIDERAÇÕES FINAIS	64

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	67
APÊNDICE A	69

INTRODUÇÃO

O imperativo é o modo verbal que expressa uma ordem, um pedido, uma recomendação ou, ainda, um convite; e, geralmente, um conselho ou uma suplicação, ou uma ordem. O imperativo é formado do presente do indicativo (**faz**) e do presente do subjuntivo (**faça**).

Muitas pesquisas (FARACO, 1986; SCHERRE, 2005, 2004, 2007; entre outros) apontam que no Português Brasileiro (doravante PB) atual, principalmente na modalidade falada, construções como deixA, partE e fAZ, por um lado, e deixE, partA e façA, por outro, são variantes do imperativo. Entretanto, pouco se discute sobre a possibilidade de encontrarmos indícios desse fenômeno variável em textos escritos na região do Triângulo Mineiro, especificamente em Uberaba.

Assim, buscando responder a este questionamento, tem-se o objetivo geral – é possível encontrar a variação no uso das formas imperativas em tirinhas publicadas na cidade de Uberaba nos séculos XX e XXI? –, visamos, nesta dissertação, investigar se existe variação no uso das formas verbais imperativas em tirinhas extraídas de jornais uberabenses nos séculos XX e XXI.

A Sociolinguística apresenta-se como responsável por estudar a relação entre língua e sociedade. Geralmente, quando falamos em teoria linguística, falamos em “língua”, no singular. O Gerativismo procura investigar o que todas as línguas têm em comum, além de quais são as regras de estrutura que regem todas elas. Na Sociolinguística, também fala-se em língua como um fenômeno comum a todas as comunidades linguísticas, mas nota-se que um dos fatos mais evidentes é que existem muitas línguas, no plural, e que estas línguas podem ser muito diferente umas das outras.

As línguas mais conhecidas são associadas às grandes civilizações ou impérios. Isso aponta para dois fatos centrais para a Sociolinguística: o primeiro é a grande desigualdade demográfica das línguas, e, o segundo, é a relação estreita entre o poder político de um grupo e o número de falantes da sua língua.

Na Sociolinguística fala-se em regionalismos. No Brasil, pode-se comparar sinais icônicos de várias regiões do país. Reconhece-se sotaques, pronúncias diferentes entre uma região e outra. Quando as diferenças entre uma região e outra

são pequenas chamam-se essas maneiras diferentes de “falares”. Quando as diferenças são numerosas e sistemáticas e atingem não só a pronúncia e o léxico, mas também a gramática, chama-se as variedades regionais de dialetos. Apesar de dialeto ser costumeiramente usado no sentido pejorativo, para designar uma língua de segunda classe, a sociolinguística utiliza-o para designar variação regional.

Cada dialeto é uma língua do ponto de vista linguístico (mas não necessariamente do ponto de vista político e social), porque cada dialeto é completo como qualquer língua. Cada língua possui sua variedade padrão e, do ponto de vista linguístico, todas as variedades de uma língua têm o mesmo valor, não existe uma variedade “melhor” do que a outra. Mas, do ponto de vista político e social, uma variedade é considerada melhor: a variedade padrão.

Quando uma pessoa fala é possível saber muito sobre ela somente ao ouvi-la. Pode-se adivinhar de onde ela vem, qual o sexo, a idade, a etnia e a classe social. Nem toda variação indica quem está falando ou escrevendo, mas pode indicar o que está acontecendo, onde está acontecendo e qual a importância do que está acontecendo, ou seja, as pessoas não falam e escrevem sempre da mesma forma. Elas modificam a maneira de falar e escrever conforme a situação. As tirinhas representam uma forma de comunicação visual impressa somada a elementos verbais que compõem a narrativa, o que a aproxima da língua falada. A escolha do *corpus* se deve ao fato de que neste tipo de texto há um registro de fala mais próximo ao da linguagem popular, mais espontânea.

Para atingirmos nosso objetivo, inicialmente, discutiremos alguns princípios relevantes da Teoria Variacionista Laboviana, Sociolinguística Paramétrica, Mudança Linguística e estudos já realizados sobre o imperativo. Em seguida, abordaremos a forma como diferentes gramáticas e um dicionário de linguística tratam o assunto. Apresentaremos o *corpus*, o envelope de variação, as análises e as considerações finais.

REFERENCIAL TEÓRICO

Nesta seção serão apresentados os modelos teóricos que orientam este trabalho. Primeiramente, apresentamos as características da Sociolinguística Laboviana (1972), imprescindíveis a esta pesquisa.

Em seguida, discorremos sobre as principais características da Sociolinguística Paramétrica de acordo com Tarallo e Kato (1989). Depois apresentamos as considerações da Mudança Linguística de Weireinch, Labov e Herzog (1968).

Na sequência, serão apresentados estudos relevantes sobre o uso do imperativo na fala e na escrita, como os de Scherre (2003, 2007), Borges (2005) e Alves (2008).

Logo após, relatamos a visão de diferentes gramáticas do Português Brasileiro (PB) a respeito das construções imperativas, como Melo (1970), Castilho (2010), Cunha e Cintra (2010), Bagno (2014). Apresentamos, ainda, a visão do dicionário de linguística de Câmara Jr (1977). Por fim, descrevemos o tratamento dos pronomes *tu* e *você*.

1.1 A Sociolinguística Laboviana

A Sociolinguística Laboviana, ou Sociolinguística Quantitativa, trata da heterogeneidade presente na comunicação humana e que é inerente a todas as línguas. A proposta laboviana preocupa-se em analisar as variedades linguísticas e considera que as variações na fala e escrita não impedem que os falantes se comuniquem, pois há uma ordem na variação, condicionada por fatores internos e externos.

A teoria da variação linguística desenvolveu-se principalmente, a partir dos estudos de Labov (1972 [2008]). Tal autor se preocupa com os estudos voltados para a língua e sociedade, sistematizando as variações existentes na língua falada por meio de pesquisas que consideram não só fatores linguísticos, mas também os fatores extralinguísticos, como idade, sexo, classe social, escolaridade, entre outros, com o objetivo de mostrar a interdependência entre língua e sociedade. O autor vê a língua como forma de comportamento social, utilizado pelo homem para comunicar suas necessidades, ideias e emoções, como comprovado no trecho a seguir.

A língua é uma forma de comportamento social: [...] Crianças mantidas em isolamento não usam a língua; ela é usada por seres humanos num contexto social, comunicando suas necessidades, ideias e emoções uns aos outros (LABOV, 1972 [2008], p.183).

Em sua primeira pesquisa, em 1963, na ilha de Martha's Vineyard, estado de Massachusetts nos Estados Unidos, Labov constatou, utilizando a Teoria da Variação, a importância dos fatores sociais na explicação da variação linguística. Essa comunidade americana, relativamente isolada na costa da Nova Inglaterra, sofreu mudanças sociais devido à invasão de veranistas do continente. Segundo Tarallo (1990), estas mudanças tiveram consequências linguísticas interessantes: duas maneiras distintas de se pronunciar a vogal-núcleo dos ditongos /au/ e /ay/. A forma de prestígio, que se assemelha à do inglês-padrão, é a forma trazida pelos veranistas.

A forma linguística mais produtiva dentro da comunidade é a variante não-padrão e estigmatizada. A pronúncia da vogal é realçada pelos habitantes da ilha. As atitudes linguísticas acabaram sendo os recursos utilizados pelos residentes para demarcar seu território, sua identidade cultural.

Em toda comunidade de fala há formas linguísticas em variação, denominadas variantes que, de acordo com Tarallo (1990), são diversas maneiras de se dizer a mesma coisa, com o mesmo valor de verdade. O conjunto de variantes é a chamada variável linguística.

Labov (1972 [2008]) afirma que, por muitos anos, resistiu ao termo Sociolinguística porque não considerava a existência de uma teoria linguística independente do contexto social, como pregado no Estruturalismo. O autor declara em seus estudos, repetidas vezes, ser impossível “haver uma teoria ou prática linguística bem-sucedida que não seja social” (LABOV, 1972 [2008], p. 14).

Segundo Labov (1972 [2008]), para Saussure (2006), a língua é dicotômica e composta pela *langue* e *parole*. A *langue* é o sistema, o componente social da linguagem e, a *parole*, é o componente individual. Mesmo sendo considerada como resultado do aspecto social, a língua não era analisada heterogeneamente, pois, na visão saussuriana, “as explicações sobre os fatos linguísticos se dão em função de outros fatos linguísticos e não de dados externos do comportamento social” (LABOV, 1972 [2008], p.185).

Nesta perspectiva, então, a Teoria Saussuriana baseava seu estudo da linguagem em dados homogêneos. Conforme Labov (1972 [2008]), os linguistas que

trabalham com a perspectiva saussuriana não lidam com a vida social, trabalham com apenas um ou dois informantes em seu escritório, ou examinam seu próprio conhecimento a respeito da própria língua.

Labov chama a atenção para o fato de haver um paradoxo na teoria de Saussure, pois como seria possível estudar o aspecto social da língua por meio de apenas um ou dois informantes? Como os dados destes dois revelariam a fala da coletividade? Tal autor (1972 [2008]) afirma ainda que, “a ciência da parole nunca se desenvolveu embora os estudos da langue tenham tido êxito na metade do século passado” (p.186).

Nesse modelo sociolinguístico, a língua é descrita em termos de regras variáveis, podendo-se atribuir valores probabilísticos que expressam cada fator na escolha das formas concorrentes. Os resultados finais podem permitir a formulação de regras variáveis. Assim, o método proposto por Labov (1972 [2008]) analisa e interpreta os fenômenos linguísticos no contexto social por meio de estatísticas, por isso é chamado também de Sociolinguística Quantitativa.

Os objetivos da Sociolinguística são, portanto, descrever e analisar a variação numa língua buscando a sistematização que lhe é inerente, além de comparar os resultados das análises tendo em vista os possíveis rumos que as variantes tomarão. Nessa sistematização da língua, segundo Tarallo (1990), a análise deve consistir em “um levantamento exaustivo de dados de uma língua falada; descrição detalhada da variável; análise dos possíveis fatores condicionadores” (TARALLO, 1990, p.10).

A Sociolinguística postula que a variação é uma característica essencial das línguas. É dever do pesquisador, por meio do modelo teórico-metodológico, investigar e entender a sistematicidade da variação e as mudanças decorrentes desse processo. O pesquisador pode detectar o estágio da mudança que ocorre no sistema em função do comportamento das variantes.

De acordo com Labov (2008), a compreensão da mudança linguística leva em consideração a análise da sua origem, a forma de propagação para outros grupos e a realização da variante que estava em competição. Dessa forma, a proposta do linguista vai além da análise sincrônica que compreende a variação e as variáveis que a condicionam, ela também se refere a uma visão diacrônica, que mostra a relação entre a mudança e a variação e suas implicações na configuração da língua.

1.2 A Sociolinguística Paramétrica (Harmonia Transistêmica)

Tarallo e Kato (1989) conciliam os estudos acerca da Teoria da Variação com os pressupostos da Teoria de Princípios e Parâmetros e propõem a Sociolinguística Paramétrica. Essa união, segundo os autores, pode trazer contribuições significativas tanto para a teoria de Chomsky (1978), como para a de Labov (2008).

Esta nova proposta associa o aspecto intralinguístico da Teoria da Variação ao aspecto inter-linguístico da Sintaxe Gerativa, propiciando um equilíbrio entre ambas. Tarallo e Kato (19889) sustentam que, de posse dos resultados dentro de uma língua, é crível prever e até identificar uma mudança paramétrica entre outras línguas.

Aquele que trabalha com variação intralinguística está interessado em projetar, antecipar e afiançar resultados cujo valor exceda os limites do intralinguístico para o universo do interlinguístico. (TARALO, KATO, 1989, p. 7).

Para corroborar o alcance do sucesso da Sociolinguística Paramétrica, os linguistas lançam mão de algumas análises que demonstram a compatibilidade dos estudos intralinguísticos aos inter-linguísticos.

Em um primeiro momento, os autores comentam a análise de Sankoff e Tarallo (1987) sobre o Tok Pisin e o Português Brasileiro. As duas línguas, tão distantes, apresentam semelhança de processos quanto ao uso da cópia pronominal em orações relativas e não-relativas. A comparação entre o Tok Pisin e o PB confirma que a característica intralinguística pode definir o inter-linguístico, contribuindo, assim, para a compreensão do processo linguístico de cada uma dessas línguas, então,

independentemente de laços genealógicos de natureza histórica e/ou geográfica, de tempo e de espaço, as línguas podem convergir em determinadas partes da gramática, revelando movimentos sincronizados e espelhados aos quais os gerativistas preferem denominar de propriedades paramétricas (TARALLO, KATO, 1989, p. 8).

Em um segundo momento, os autores comentam as análises de Hochberg (1986), o qual estuda o uso frequente do pronome de segunda pessoa do singular na fala de Porto Rico. Hochberg (1986) afirma que esse uso frequente é associado ao processo de erosão das consoantes finais verbais. A ausência de flexões verbais é que provocaria maior preenchimento do sujeito.

O autor mostra, conforme descrevem Tarallo e Kato (1989), que o verbo era utilizado na segunda pessoa do singular, não tendo a explicitação do sujeito, porque a concordância do verbo já caracterizaria esse sujeito. Com a perda da concordância, o verbo na terceira pessoa do singular, referindo-se à segunda pessoa do discurso, fez com que os falantes explicitassem o sujeito e deixassem de mostrar o parâmetro *pro-drop* (parâmetro de sujeito nulo) e preenchessem o sujeito. Tarallo e Kato (1989) observam que o PB segue essa tendência, pois

demonstram que a tendência do português do Brasil de perder as propriedades do parâmetro do sujeito nulo também se manifesta no uso cada vez mais frequente de formas substitutivas, seja SNs plenos, seja pronomes pessoais, como formas indeterminadoras da linguagem, substitutivas do moribundo clítico SE. (TARALLO, KATO, 1989, p. 9).

Em um terceiro momento, para mostrar o alcance da Sociolinguística Paramétrica, Tarallo e Kato (1989) referem-se à questão das línguas em contato. Essa contribuição é maior pois há um encontro das duas variações, a intra e a inter-linguística, como vemos no Português.

O português da fronteira é sensivelmente mais solto que o da costa e obedece, no condicionamento da inversão do sujeito, precisamente a mesma organização sistêmica do espanhol americano, permitindo inclusive a ordem OVS, inexistente no português falado da costa. (TARALO, KATO, 1989, p. 10).

Com relação à ordem e à presença do sujeito na oração, percebe-se a ocorrência do fenômeno de inversão livre em algumas línguas. Tarallo e Kato (1989) citam Rizzi (1982) o qual afirma que o italiano possui inversão livre em sujeito nulo, conforme (1), retirado de Tarallo e Kato (1989) que possui ordem VS, sujeito nulo e inversão livre do sujeito:

(1) Ha telefonato Gianni.¹

No espanhol, Torrego (1984, p. 103 *apud* TARALLO, KATO, 1989, p. 13-14) afirma que a não realização fonética do pronome é provocada pela inversão livre, como no exemplo (2).

(2) No hablo português.²

¹ Exemplo de Rizzi (1982, p. 117 *apud* TARALLO, KATO, 1989, p. 13).

² Exemplo de Tarallo e Kato (1989, p. 14).

O espanhol é uma língua pro-drop e o italiano se configura da mesma forma, como em (3).

(3) Ho trovato il libro.³

Os autores mostram que no Catalão observa-se o mesmo fenômeno que ocorre no italiano e espanhol. Na tabela (1) abaixo, há a síntese entre correlação de línguas.

Tabela 1: Correlação de línguas

Língua	Sujeito nulo	VS livre
Italiano (e espanhol)	+	+
Português	+	-
Trentino	-	+
Francês	-	-

Fonte: Tarallo e Kato (1989)

A tabela mostra que o italiano, o português e o espanhol são línguas de sujeito nulo. Segundo Tarallo e Kato (1989), o trentino (dialetto francês) e o francês não possuem sujeito nulo. Os autores concluíram que o fenômeno da inversão livre é uma característica de língua de sujeito nulo.

Os estudos apresentados por Tarallo e Kato (1989) possibilitaram que eles mostrassem o alcance da Sociolinguística Paramétrica. Duarte (2015) afirma que a adoção do quadro teórico de princípios e parâmetros junto com a Teoria Gerativa foi a alternativa para analisar, sob o modelo da Teoria da Variação, os processos de mudança paramétrica no PB.

Segundo Duarte (2015), antes da Sociolinguística, as diferenças observadas entre a língua do dia a dia e as normas das gramáticas eram explicadas pela distância entre fala e escrita (a fala é mais espontânea e a escrita é mais formal).

Um marco nos estudos sociolinguísticos no Brasil, nos anos 70, foi a chegada de Anthony Naro, pois permitiu compor uma fotografia da gramática do PB com suas pesquisas. Duarte (2015) afirma que “desde os estudos pioneiros, todos os trabalhos realizados associam os pressupostos da Teoria da Variação e Mudança a uma teoria linguística” (DUARTE, 2015, p. 87).

³ Exemplo de Rizzi (1982, p. 117 *apud* TARALLO, KATO, 1989, p. 13).

Conforme a autora, a formalização da proposta de Tarallo e Kato (1989) produziu inúmeros frutos que permitiram interpretar processos de mudança em curso no PB, entre os quais cita: a mudança no quadro pronominal e a fixação da ordem SV em Tarallo (1989; 1993), sujeito nulo em Kato e Tarallo (1986) e Duarte (1993; 1995), entre outros.

Duarte (2015) questiona como foi possível compatibilizar teorias tão distintas. Obtém-se como resposta que Kato e Tarallo (1986) viram na Teoria de Princípios e Parâmetros um modelo forte, capaz de “fazer uma leitura paramétrica das formas em competição na sintaxe do PB, identificar pistas de mudança em progresso” (DUARTE, 2015, p. 90).

Resumindo, os pressupostos gerativistas ajudam a estabelecer hipóteses e grupos de fatores para as análises variacionistas ao mesmo tempo que essas análises ajudam a atualizar os princípios da teoria gerativa. Nessa dissertação, fizemos uso do pressupostos gerativistas para a elaboração das hipóteses e da variante dependente, que são os séculos.

1.3 A mudança linguística

A mudança emerge da heterogeneidade que se faz presente na comunicação humana, é inerente a todas as línguas e à medida em que duas variantes se confrontam nas relações entre os diferentes grupos de falantes. Por isso, afirma-se que nem toda variação pressupõe uma mudança, mas para que haja mudança é necessário ter variação (cf. WEINREICH, LABOV, HERZOG, 2009; LABOV, 1972, 1982, 1994), conceito doravante intitulado como WLH.

Segundo Lucchesi (2012), a contradição entre o Estruturalismo com seu sistema e o advento da mudança linguística criou um dos pontos de ruptura epistemológica, que fez com que, em 1960, surgisse o Programa de Pesquisa da Sociolinguística Variacionista, elaborado por Weinreich, Labov e Herzog (2009), que se baseia nos seguintes postulados:

- (i) A língua funciona enquanto muda.
- (ii) A heterogeneidade não compromete o funcionamento da língua – um sistema homogêneo e invariável é que seria disfuncional em uma comunidade de fala culturalmente diversificada.
- (iii) A variação faz parte do sistema linguístico, que é heterogêneo e composto por regras e unidades variáveis.

(iv) A variação é potencialmente a atualização, em cada momento que se considere a língua, dos processos de mudança em curso no seu devir histórico (mudança implica variação, mas variação não implica necessariamente mudança).

(v) A variação não é aleatória. A análise sincrônica dos condicionamentos estruturais e sociais da variação é capaz de revelar os mecanismos que atuam na implementação dos processos de mudança que afetam o sistema da língua.

(vi) A mudança linguística pode ser estudada diretamente através da análise da variação observada em cada estado de língua. (LUCCHESI, 2012, p. 794).

Em WLH (2009), encontram-se também cinco princípios centrais (condicionamentos, transição, encaixamento, avaliação e implementação) a respeito da mudança linguística, que explicaremos de forma sintética.

Para WLH (2009), os condicionamentos evidenciam que há fatores que determinam mudanças em uma dada direção, assim pode-se saber quais mudanças são possíveis e se elas são de ordem universal. Portanto, cada mudança pressupõe uma explicação que diz respeito à causa da mudança, assim como cada estudo deriva de um estudo detalhado a respeito das mudanças em progresso. Um exemplo dado por WLH é o de que “diversos casos de cadeias de mudança correlatas em que vogais [tensas] periféricas se elevam, mas nenhuma na direção contrária” (WLH, 2009, p.121).

A transição busca explicar como uma língua muda, como ela passa de um estágio para outro, busca, também, levantar hipóteses para o funcionamento de cada nível linguístico. Isso implica a transmissão de regras de uma geração para outra e, portanto, a localização do falante dentro da comunidade de fala. Localizar que grupo lidera a mudança é crucial. Conforme WLH (2009), “esta transição de traços de um falante para outro parece ocorrer por meio de falantes bidialetais ou, mais geralmente, falantes com sistemas heterogêneos caracterizados pela diferenciação ordenada” (WLH, 2009, p.122).

A transferência pode ocorrer entre grupos de faixas etárias distintas e os estudos indicam que as crianças não mantêm as características dialetais dos seus pais, mas sim a dos grupos com os quais mantiveram contato nos seus anos pré-adolescentes.

O encaixamento evidencia como a mudança se encaixa no sistema linguístico e na matriz social da comunidade, como uma mudança desencadeia outra, como um “efeito dominó”.

A avaliação/julgamento dos falantes a respeito de uma dada mudança, implica o nível de atenção do falante à fala. A investigação deste princípio aprofunda o entendimento dos modos de organização que é acontece no processo de mudança.

Finalmente, a implementação explícita que a propagação da mudança se dá em ambientes estruturais e se difunde progressivamente em ambientes favoráveis. Os autores investigam, também, que fatores contribuem para que uma determinada mudança ocorra em uma época e não em outra.

Com esses princípios, WHL (2009) afirmam que a mudança se inicia quando um dos traços da variação se difunde na fala de um grupo da comunidade. Encaixada na estrutura linguística, a mudança é gradualmente generalizada a outros elementos do sistema. Nessa dissertação, nosso objetivo foi investigar se há variação no uso do imperativo no início dos séculos XX e XXI, e se houver, se podemos atestar uma mudança.

1.4 Estudos relevantes sobre o assunto

1.4.1 Scherre (2003)

Scherre (2003) pesquisou, utilizando dados de histórias em quadrinhos da *Turma da Mônica*, o uso do imperativo. Foram analisadas 724 (setecentas e vinte e quatro) estruturas imperativas de 15 (quinze) revistas, publicadas em 1998 e 1999. A autora encontrou variação no uso do imperativo gramatical da ordem de 57% (cinquenta e sete por cento) de formas associadas ao indicativo em contextos de pronome você. É importante lembrar que, de acordo com a Gramática Tradicional, o imperativo gramatical em contexto de pronome você deve ser usado, exclusivamente, na forma subjuntiva. Um dos fatores relevantes para sua pesquisa foi o da polaridade da estrutura. Esta pode ser negativa ou afirmativa, como os exemplos (4) e (5), respectivamente, tendo em vista que a tradição gramatical prevê o imperativo negativo sistematicamente associado ao subjuntivo. Apresento, a seguir, exemplos, extraídos de Scherre, das revistas em quadrinhos:

Imperativo expresso pela forma indicativa, em estrutura afirmativa ou negativa:

(4) “É agora, Tonicão, faz o Gol!” (Almanaque do Cebolinha - 54, Maurício de Souza, Editora Globo, dez/1999:75)

(5) “Psst! Não faz escândalo, Cebolinha!!” (Cebolinha - 141, Maurício de Souza, Editora Globo, ago/1998:7)

Imperativo expresso pela forma subjuntiva, em estrutura afirmativa ou negativa:

(6) “Faça essa bola se mexer AGORA!” (Almanaque do Cebolinha - 54, Maurício de Souza, Editora Globo, set/1999:75)

(7) “Não, seu monstro! Não faça isso!” (Almanaque do Cascão -53, Maurício de Souza, Editora Globo, ago/1998:76)

Scherre (2003) afirma que os exemplos acima revelam as duas alternativas em análise (imperativo associado ao subjuntivo ou ao indicativo) ocorrem com o mesmo verbo, independentemente da polaridade da estrutura ou contexto sintático semelhante. Além disso, essas estruturas possuem o mesmo valor de verdade.

Ainda de acordo com a linguista, isso indica que o fenômeno é uma variável linguística que pode ser submetida à análise variacionista quantitativa, adequada para tratar dados variáveis com alto grau de aleatoriedade em sua distribuição.

Quanto às variáveis linguísticas, Scherre (2003) sustenta que

é bom lembrar que os dados da amostra analisada ocorrem em contexto discursivo do pronome *você*, contexto em que a tradição gramatical registra categoricamente o imperativo associado ao subjuntivo, padrão encontrado no português europeu (cf. Faraco, 1986). A distribuição global dos enunciados analisados revela que, neste contexto, há 57% de estruturas imperativas associadas à forma indicativa. Este fato, por si só, evidencia que formas vernáculas da fala das regiões sul, sudeste e centro oeste encontram-se presentes na modalidade de escrita analisada (SCHERRE, 2003, p. 3).

A análise da autora levou em consideração a variável *polaridade afirmativa ou negativa da estrutura*. Os resultados acerca da polaridade da estrutura indicam que o contexto de polaridade negativa apresenta enunciados imperativos associados à forma subjuntiva, 25% (vinte e cinco por cento) deles estão expressos na forma indicativa, como indica a Tabela 2.

Tabela 2: Efeito da polaridade da estrutura no uso do imperativo na forma indicativa - diálogos de histórias em quadrinhos da Turma da Mônica publicadas em 1998 e 1999 - contexto de pronome *você*

Fatores	Frequência da forma indicativa		Peso relativo dos fatores
Polaridade negativa	25/79	25%	0,23
Polaridade afirmativa	342/557	61%	0,54
Total	362/636	57%	

Fonte: Scherre (2003, p. 4)

Observando as ocorrências do imperativo em forma indicativa, Scherre (2003) sustenta que a polaridade negativa diminui o uso do imperativo associado ao indicativo. E, inversamente, a polaridade negativa aumenta o uso do imperativo associado ao subjuntivo, o que está de acordo com a tradição gramatical.

A respeito da polaridade da estrutura, Scherre (2003) considera que

o efeito da polaridade evidencia paralelismo semântico: a variante subjuntiva – mais associada ao *irrealis*– combina-se mais com a polaridade negativa. Este mesmo fato foi observado por Rocha (1997) no estudo da alternância indicativo/subjuntivo em orações subordinadas do tipo: *eu pensei que ia perder meu filho... vs. Ah, pensei que você fosse muito lá ou Não, não é que eu não goste assim não vs. Não é que elas são desnecessárias....* Rocha (1997:83) evidencia que a presença de negativa na oração principal favorece a forma subjuntiva nas respectivas orações subordinadas (SCHERRE, 2003, p. 4).

Segundo a autora, a gramática normativa não dá conta de grande parte da variação encontrada nos dados analisados, por isso ela ordenou hipóteses para o entendimento da chamada *heterogeneidade ordenada* que governa o fenômeno. Os resultados mostraram que o pronome na forma do caso reto favorece o imperativo na forma indicativa, como em (8):

(8) “Hmm... **Deixa eu** ver...”⁴

Além disso, depois do verbo, os pronomes do caso oblíquo de 1ª (primeira) e 3ª (terceira) pessoa favorecem o uso do imperativo na forma subjuntiva, como em (9):

(9) “Bem...**Deixe-me** ver...”;

Antes do verbo, o pronome do caso oblíquo se biparte, o de primeira pessoa favorece o imperativo na forma indicativa, conforme em (10) e, o de terceira pessoa, favorece o imperativo na forma subjuntiva como em (11):

(10) “Cebolinha, **me faz** um favor!”

(11) “... **si alembre**...”

Podemos observar tais casos através da tabela 3:

⁴ Exemplos (8), (9), (10) e (11) extraídos de Scherre (2003, p. 5, grifo da autora).

Tabela 3: Efeito da presença, tipo, localização e pessoa dos pronomes No uso do imperativo na forma indicativa Diálogos de histórias em quadrinhos da Turma da Mônica publicadas em 1998 e 1999 - Contexto discursivo do pronome *você*

Fatores	Frequência da forma indicativa	
Ausência de pronome	314/554	57%
Pronome reto depois do verbo	22/23	96%
Pronome oblíquo me antes do verbo	24/40	60%
Pronome oblíquo se antes do verbo	2/19	11%
Pronome oblíquo me depois do verbo	362/636	0%
Pronome oblíquo se depois do verbo	0/6	0%
Pronome oblíquo o depois do verbo	0/12	0%
Pronome oblíquo nos depois do verbo	0/1	0%
Total	55%	

Fonte: Scherre (2003 – adaptado)

Em relação a esta tabela, Scherre (2003) afirma que

o efeito dos pronomes do caso oblíquo *me*, *nos*, *os* depois do verbo, no sentido de favorecer categoricamente imperativo associado ao subjuntivo, pode ser visto como reflexo de configurações linguísticas que pertencem a um outro momento da língua portuguesa falada no Brasil, em que se conjugam duas formas em fase de extinção na fala espontânea e atual das regiões sul, sudeste e centro-oeste: imperativo associado ao subjuntivo e pronome do caso oblíquo (“Bem... Deixe-me ver...”; “Leve-os de volta pra casa!” “Segure esta colda e tire-nos daqui!”). O efeito quase categórico do pronome na forma do caso reto indica a coexistência entre formas de um novo momento da língua falada no Brasil, agora caracterizada como português brasileiro: imperativo associado ao indicativo e pronome de forma do caso reto (“Hum... Deixa eu ver...”; “Pega ele!”, “Larga ela!”, “Cumprimenta ele!”). O vernáculo penetra na modalidade de escrita ora analisada (p. 6).

Já o efeito do pronome *se*, depois do verbo (“divirta-se”) e antes do verbo (“Então se prepara para correr!” e “si alichere”) favorece o imperativo associado ao subjuntivo; e o pronome *me* antes do verbo favorece o imperativo associado ao indicativo (“Me faz um favor!”). Scherre (2003) reconhece que em ambas as ocorrências existem outro aspecto em jogo: a possibilidade da perda da leitura imperativa quando o enunciado se expressa pela forma associada ao indicativo, como em “Então se prepara para correr!”, em que o imperativo associado ao subjuntivo assegura a leitura imperativa.

Para seguir na linha de raciocínio de se assegurar a leitura imperativa nos enunciados gramaticalmente imperativos, a autora observou, também, que a presença/ausência de vocativo no contexto foi significativo. Segundo os resultados, observa-se mais imperativo associado ao indicativo na presença de vocativo, conforme estrutura em (12):

(12) “Psst! Não **faz** escândalo, Cebolinha!”

Finalmente, a autora ainda lembra que o vocativo no enunciado imperativo contribui para assegurar a leitura imperativa:

À luz da linha de raciocínio de se assegurar leitura imperativa dos enunciados gramaticalmente imperativos, foi considerada ainda a variável *presença/ausência de vocativo no contexto*, que também se evidenciou estatisticamente significativa. De forma consistente, embora com menor polarização, observa-se mais imperativo associado ao indicativo na presença de vocativo na estrutura (“*Psst! Não **faz** escândalo, **Cebolinha!***!”): vocativo no enunciado imperativo contribui para assegurar a leitura imperativa (SCHERRE, 2003, p. 7).

A tabela 4 mostra ilustra a ocorrência de vocativo:

Tabela 4: Efeito do vocativo no uso do imperativo na forma indicativa - diálogos de histórias em quadrinhos da *Turma da Mônica* publicadas em 1998 e 1999 – contexto discursivo do pronome *você*

Fatores	Frequência da forma indicativa		Peso relativo dos fatores
Presença de vocativo	138/220	63%	0,59
Ausência de vocativo	224/416	54%	0,45
Total	362/636	57%	-

Fonte: Scherre (2003)

A seguir, apresentamos uma síntese a respeito do emprego do imperativo nos quadrinhos da *Turma da Mônica*, elaborada por Scherre (2003).

FAVORECEM RELATIVAMENTE O IMPERATIVO NA FORMA INDICATIVA:

- 1) estruturas afirmativas (**Faz** o gol!);
- 2) estruturas com *me* antes do verbo (*Agora, **me** conta...*);
- 3) presença de vocativo nas estruturas (“*Psst! Não **faz** escândalo, Cebolinha!*!”);
- 4) verbos com menos sílabas na forma infinitiva (dar, ir, vir, ler; olhar, deixar);

- 5) paradigmas irregulares de oposição menos marcada (*dá/dê, sai/saia, vem/venha, esquece/esqueça, sobe/suba*) e verbos regulares da 1a. conjugação com vogal precedente mais aberta na forma conjugada (*espera, fala, olha*);
- 6) imperativo precedido por imperativo na forma indicativa;
- 7) fala de personagens que simbolizam o *vernáculo* ou que têm mais destaque nas histórias.

FAVORECEM RELATIVAMENTE O IMPERATIVO NA FORMA SUBJUNTIVA:

- 1) estruturas negativas (*Da próxima vez, **não fale a verdade!***);
- 2) estruturas com *se* antes do verbo (... e *si* alembre...) ou estruturas com clítico depois do verbo (*Permita-me demonstrar!*, *Divirta-se!*);
- 3) ausência de vocativo nas estruturas (***Volte** aqui!*);
- 4) verbos com mais sílabas na forma infinitiva (*imaginar; experimentar; esperar*);
- 5) paradigmas irregulares com oposição mais marcada ou paradigmas regulares mais marcados (*faz/faça, traz/traga, diz/diga, pede/peça; vender, abrir*) e verbos regulares da 1a. conjugação com vogal precedente menos aberta na forma conjugada (*desculpe, mande, conte, vire*);
- 6) imperativo precedido por imperativo na forma subjuntiva;
- 7) fala de personagens que simbolizam o *vernáculo* ou que têm menos destaque nas histórias (SCHERRE, 2003, p. 17, grifo da autora).

Scherre (2003) sustenta que as análises do imperativo no PB revelam um sistema inerentemente variável, sem ligação evidente com a pessoa verbal, mas sim com os fatores anteriormente descritos. Estas análises mostram que há uma distância entre a norma e o uso no PB contemporâneo falado e escrito.

Análises levadas a cabo, entre as quais esta se insere, evidenciam distanciamento considerável entre norma e uso no português brasileiro contemporâneo falado e escrito. Em verdade, a norma da tradição gramatical reflete o uso do português europeu, o uso do português brasileiro de épocas anteriores e o uso parcial do português brasileiro contemporâneo. A fala de aproximadamente 110 milhões dos cerca de 170 milhões de falantes do português brasileiro e a escrita de autores brasileiros os mais diversos não se encontram contempladas nos registros da tradição gramatical (cf. Scherre, 2002). A análise apresentada neste texto demonstra, em especial, que restrições que governam a variação na fala governam também a variação 1 na escrita, reforçando-se a existência de um processo de mudança em curso, já bastante avançado nas regiões sul, sudeste e centro-oeste (SCHERRE, 2003, p. 9).

A autora então conclui que

a nova norma estabelecida, sem relação evidente com o tipo de pessoa verbal, ocupa os espaços escritos, pelo fato de não ser marcador de classe social e de não se encontrar envolvida em processos de estigma ou de (auto)avaliação negativa. Assim, a despeito do ensino gramatical, os falantes das regiões sul, sudeste e centro-oeste usam naturalmente o sistema adquirido em circunstâncias naturais e a naturalidade deste sistema se reflete com precisão na prosa e no verso da escrita contemporânea dos mais diversos autores brasileiros, entre os quais se inserem Maurício de Sousa e sua equipe (SCHERRE, 2003, p. 18).

1.4.2 Scherre (2007)

Scherre (2007) examina o uso variável de formas verbais do imperativo no Português Brasileiro comparando-o com o grego e o espanhol castelhano, que apresentam o imperativo com morfologia e sintaxe próprias, o chamado imperativo verdadeiro (*olha, abre e faz*), além das formas derivadas do subjuntivo. A autora distingue o imperativo verdadeiro do imperativo supletivo:

(13) (...) ganha prêmio (imperativo verdadeiro).⁵

(14) Poupe dinheiro (imperativo supletivo).

A autora retoma algumas pesquisas para ilustrar a questão do imperativo, que tem evidenciado a alternância entre o imperativo supletivo e o verdadeiro.

Pesquisas sobre o português brasileiro em uso têm evidenciado que a alternância *olha/olhe; abre/abra; faz/faça* não apresenta correlação inequívoca com o contexto discursivo de menor ou maior distanciamento, que caracteriza o uso explícito dos pronomes *tu* ou *você* em algumas regiões brasileiras, sem a presença obrigatória da morfologia verbal (cf.: Sette 1980; Soares 1980; Paredes Silva 2003; Loregian-Penkal 2004; Lucca 2005). Assim, diferentemente do que se observa no português europeu, e também no espanhol castelhano (Rivero 1994), a alternância *olha/olhe; abre/abra; faz/faça*, no português brasileiro, não tem relação clara com o traço [+distanciamento], que rege a distribuição *deixe/você/seu* vs. *deixa/tu/teu*; nessas outras duas línguas. Ao invés de um divisor de interação discursiva, a alternância entre o imperativo verdadeiro e o imperativo supletivo no português brasileiro falado evidencia-se como um marcador geográfico (SCHERRE, 2007, p. 2).

A autora também resgata algumas pesquisas sobre imperativo quanto às regiões do Brasil:

⁵ Os exemplos (13) e (14) foram extraídos de Scherre (2007, p. 8).

Estudos com dados de fala das regiões Sudeste e Centro-Oeste evidenciam que o percentual médio global de uso do imperativo verdadeiro (*olha, abre, faz*) na fala espontânea é da ordem de 90% (cf.: Rodrigues 1993; Morais 1994; Scherre *et alii* 1998; Neta 2000; Ferreira & Alves 2001; Silva 2003; Lima 2005; Sampaio 2004). Já na região Nordeste, os estudos indicam que esse uso é da ordem máxima de 50%, na fala de Recife, mas pode chegar a cerca de 30% em Salvador, em João Pessoa e em Fortaleza, onde então predomina o imperativo supletivo (*olhe, abra, faça*), com uma incidência perto de 70% dos casos (cf.: Sampaio 2001; Alves 2001; Jesus 2006; Cardoso). Na região Sul, há evidências de predominância de imperativo verdadeiro em Florianópolis (100%) e de imperativo supletivo em Lages (79%), duas cidades do estado de Santa Catarina (Bonfá, Pinto & Luiz, 1997) (*apud* SCHERRE, 2007, p. 2, grifo da autora).

Assim, a autora analisa os seguintes aspectos relevantes para o uso do imperativo: a presença\ausência de negação e a posição da negação na oração. No português brasileiro, observa-se que a negação não impede a manifestação das formas alternativas, o imperativo verdadeiro e o supletivo podem ser negados, conforme exemplos (15) e (16):

(15) Ei, *não* tira essas goiabas, são minhas. (fala de nativo de Fortaleza – Nordeste). - imperativo verdadeiro

(16) Não *pule*, é perigoso! (fala de nativo Fortaleza – Nordeste). - imperativo supletivo.

Desta forma, o PB se distingue do Português Europeu e do castelhano, uma vez que, nestas línguas, não é possível negar o imperativo verdadeiro.

Scherre (2007) mostra, também, que pesquisas variacionistas evidenciam que construções imperativas negativas favorecem o uso do imperativo supletivo, conforme (17) e construções imperativas favorecem o uso do imperativo verdadeiro, conforme (18):

(17) Não *saia* daí! (fala de Campo Grande, Centro-Oeste)⁶

(18) *Vai* logo! (fala de Campo Grande, Centro-Oeste)

A tabela 5 ilustra os estudos do imperativo verdadeiro e supletivo em afirmações afirmativas e negativas:

Tabela 5: Distribuição do imperativo verdadeiro/imperativo supletivo devido ao contraste entre frase afirmativa vs. frase negativa em dados do Rio de Janeiro, Salvador e Recife

⁶ Os exemplos (15), (16), (17) e (18) foram extraídos de Scherre (2007, p. 13).

	Frase negativa	Frase negativa	Frase afirmativa	Frase afirmativa
Região-cidade	Imperativo verdadeiro	Imperativo supletivo	Imperativo verdadeiro	Imperativo supletivo
Sudeste: Rio de Janeiro (uso preferencial de você; uso de tu)	78%	22%	95%	5%
Nordeste: Salvador (uso preferencial de você)	20%	80%	29%	71%
Nordeste: Recife (uso de tu e você)	12%	88%	52%	48%

Fonte: Scherre (2007, p. 13)

Outro fator importante no estudo do imperativo abordado pela autora é o papel do clítico. O PB é uma língua proclítica e sua hipótese é a de que o português do Brasil tenha herdado esta característica do português clássico. Assim, nos resultados da sua pesquisa, a autora observa que os clíticos ocorrem antes de verbos principais em orações imperativas. A autora também afirma que, no português brasileiro contemporâneo, vê-se uma restrição na ocorrência de imperativo verdadeiro com clítico depois do verbo em qualquer área geográfica. Já em estruturas com clítico depois do verbo, observa-se o uso do imperativo supletivo:

(19) Deixe-me ver...⁷

(20) Leve-os de volta para casa!

Outro fator analisado por Scherre (2007) foi a sintaxe do vocativo e o uso do sujeito. Para tal, ela relembra seu artigo de 2006, em que analisou o papel do vocativo na expressão do imperativo nos quadrinhos da *Turma da Mônica*, de Maurício de Souza. Os resultados do trabalho revelaram que, no início da década de 70, há apenas 7% (sete por cento) de imperativo verdadeiro, enquanto no final da década de 90 este percentual chega a 55% (cinquenta e cinco por cento).

Scherre (2007) constata que, quando a propaganda for escrita não-dialógica, ela se vale do imperativo verdadeiro e, normalmente, vem acompanhada de uma âncora discursiva, como um vocativo e/ou rima, um balão, um ícone como nos exemplos abaixo:

⁷ Os exemplos (19) e (20) foram extraídos de Scherre (2007, p. 17).

(21) Olha o Papai Noel, Gente!⁸

(22) Vem pra Caixa você também. Vem!

(23) Me liga. –uma propaganda dentro de um balão.

(24) Faz um 21. Propaganda de empresa de telefonia brasileira falada com mão imitando telefone.

A autora afirma que, diferentemente do português europeu, pode-se utilizar, em uma propaganda, o imperativo verdadeiro no contexto do pronome *tu* e o imperativo supletivo em contexto de pronome *você*, o PB não faz esta distinção. Usa-se, preferencialmente, o imperativo supletivo e, esporadicamente, o imperativo verdadeiro acompanhado de âncoras discursivas.

A autora discute a questão do fato de o imperativo ser uma construção sem sujeito expreso (**Fica** aqui! /**Fique** aqui!). Ela alerta que em construções do tipo *você*, “**fica** aqui!” pode ocorrer ambiguidade na caracterização do pronome *você* na primeira posição, como vocativo ou sujeito, se não houver uma entonação clara, para assegurar a leitura imperativa, colocando a possibilidade de uma leitura assertiva: “*você fica aqui*” ou “*você fica aqui?*”. E, ainda, assegura:

É interessante notar que a mesma construção proferida com a forma subjuntiva: *você fique aqui*, não gera ambiguidade, pois, independentemente da entonação, seria caracterizada como um ato de fala imperativo, tendo em vista que uma oração não-subordinada, sem elementos do tipo “talvez”, é sempre interpretada como imperativa em português. Além disso, a ambiguidade – se sujeito ou vocativo – pode se dar também com outros tipos de elementos na primeira posição, como ilustrado a seguir, com o nome próprio, ambiguidade esta que é igualmente desfeita se a estrutura for proferida com a forma subjuntiva (SCHERRE, 2007, p. 23).

No entanto, a amostra de 70 revela uma única variável estatisticamente significativa: presença vs ausência de vocativo. A pequena variação encontrada só se dá em construções afirmativas (*Sai fora!* / *Saia de perto de mim*), como explana Scherre (2007). Os resultados revelaram, ainda, que a presença de vocativo favorece o imperativo verdadeiro, pois a frequência de ocorrência na década de 70 era de 26% (vinte e seis por cento), já na década de 90, de 63% (sessenta e três por cento). Para a autora, o fato de o vocativo favorecer mais o imperativo verdadeiro se deve à “perda

⁸ Exemplos (23), (24), (25) e (26) foram extraídos de Scherre (2007, p. 22).

da distinção da morfologia imperativa e modo indicativo (o sincretismo sincrônico)” (SCHERRE, 2007, p. 22).

Scherre (2007) afirma que, no entanto, os resultados indicam uma não marcação sintática para a manifestação da forma do imperativo verdadeiro no que se refere à sintaxe pronominal.

Concluindo, para Scherre (2007), embora não haja distribuição complementar entre as formas imperativas singulares associadas ao indicativo ou ao subjuntivo em função do contexto de uso do pronome *tu* ou do pronome *você*, a variação linguística hoje observada na língua falada apresenta correlações mais ou menos nítidas devido às diversas variáveis linguísticas e não linguísticas.

As correlações acima foram sintetizadas por Scherre (2007), a partir de dados da língua falada do PB. A própria autora chama a atenção para o fato de haver diversos trabalhos com dados da escrita que revelam efeitos parcialmente semelhantes.

1.4.3 Borges (2005)

Borges (2005) investigou o imperativo em tirinhas publicadas em jornais paulistas. A autora explana sobre as duas formas imperativas, uma considerada padrão pela Gramática Normativa (originária do presente do subjuntivo - *experimente*) e a não padrão (apresenta a mesma estrutura morfológica do presente do indicativo - *experimenta*).

A forma não padrão tem aparecido em textos dialogados ou que sugerem diálogo. Os jornais escolhidos para retirar as tirinhas foram: *Folha de S. Paulo* e *O Estado de S. Paulo*. A escolha por tirinhas se deve ao fato de que, neste tipo de texto, há um registro de fala muito próximo ao da linguagem popular, cotidiana, sem muito monitoramento por parte do autor.

Em um levantamento quantitativo realizado, Borges (2005) mostra uma predominância do uso da forma não padrão sobre a forma padrão, como na tabela 6.

Tabela 6: Ocorrências das formas padrão e não padrão dos verbos no imperativo no *corpus* (geral)

Tipo de forma imperativa	Porcentagem
Forma padrão	41,4%
Forma não padrão	58,6%
Total	100%

Fonte: Borges (2005 – adaptado)

Borges (2005) relembra que Scherre (2002)

já averiguara que a forma plural favorece o uso do imperativo subjuntivo. Isso agora se comprova nos nossos dados. Segundo a pesquisadora, a causa dessa como a única opção do falante é estritamente sintática: se a forma variante fosse usada, haveria possibilidade de preenchimento do sujeito (sujeito oculto você, ele, ela) ou interpretação de sujeito indeterminado (BORGES, 2005, p. 740).

Em outra tabela, a autora mostra a ocorrência do imperativo nas formas singular e plural. Percebe-se que há preferência à forma singular, mesmo quando o interlocutor é um grupo de pessoas, como observado na tabela 7.

Tabela 7: Ocorrências das formas imperativas no singular e plural

Singular/Plural	Porcentagem
Singular	93,7%
Plural	6,3%
Total	100%

Fonte: Borges (2005 – adaptado)

Borges (2005) analisa, também, a ocorrência dos clíticos. O *me* posicionado antes do verbo (*Me ajuda!*) favorece o aparecimento da forma não padrão, como visto na tabela 8.

Tabela 8: Ocorrências das formas padrão e não padrão em verbos acompanhados do pronome *me* antes do verbo

Pronome <i>me</i> anteposto ao verbo	Porcentagem
Forma padrão	16,7%
Forma não padrão	83,3%
Total	100%

Fonte: Borges (2005 - adaptado)

Entretanto, quando o clítico é posposto ao verbo, a forma imperativa apresentada é sempre conjugada no subjuntivo, como na tabela 9.

Tabela 9: Ocorrências das formas padrão e não padrão em verbos acompanhados do pronome *me* posposto ao verbo

Pronome <i>me</i> posposto ao verbo	Porcentagem
Forma padrão	100%
Forma não padrão	0%
Total	100%

Fonte: Borges (2005 - adaptado)

Para explicar este fato, Borges (2005) relembra Scherre (2000), o qual postula que o motivo de o contexto da fala favorecer categoricamente a forma subjuntiva com clítico depois do verbo é de natureza sintática. Caso fosse usada a forma indicativa, haveria possibilidade de preenchimento da posição de sujeito, o que tornaria uma estrutura reflexiva e não imperativa.

Ao final da análise, Borges (2005) constatou a alta eficácia comunicativa da forma não padrão, em situação de diálogo nas tiras

houve, em nosso *corpus*, uma preferência da maioria dos autores/tradutores estudados pela forma variante. Analisando os contextos em que o imperativo aparece, concluiu-se que das ocorrências do imperativo plural, todas estavam na forma padrão. Sendo assim, foi possível perceber que a variação entre as formas indicativa e subjuntiva do imperativo não ocorre nas 1ª e 2ª pessoas do plural. Usa-se, no plural, apenas a forma subjuntiva. Com relação às ocorrências de formas imperativas acompanhadas dos clíticos *me* e *se*, foi possível observar que há muitos mais casos em que ocorre a próclise do pronome; temos menos casos de ênclise. E, quando esta ocorre, o verbo é sempre flexionado no imperativo na forma padrão. Quando há próclise, o verbo, na maioria das vezes, fica na forma variante. Há algumas exceções, quando o verbo está na negativa ou no plural (BORGES, 2005, p. 743).

1.4.4 O estudo de Alves (2008)

Alves (2008) teve como objetivo principal analisar a expressão variável do imperativo singular em Histórias em Quadrinhos (HQs) baianas. Os dados revelam que 50% (cinquenta por cento) das ocorrências se configuram pela forma do indicativo e 50% (cinquenta por cento) pela forma do subjuntivo.

Em Salvador, o uso do subjuntivo é de 76% (setenta e seis por cento) contra 24% (vinte e quatro por cento) do indicativo. Em Jacobina⁹, o uso do indicativo é de 71% (setenta e um por cento) contra 29% (vinte e nove por cento) do subjuntivo, isso revela que Jacobina está caminhando para a variação.

Alves (2008) afirma que pesquisas revelam que a variação não se dá por causa dos pronomes *tu* e *você*, mas por questões geográficas (como observado em Salvador e Jacobina). Ainda segundo o autor, não há estigma em nenhuma das variantes e os falantes das regiões que utilizam o indicativo percebem o imperativo subjuntivo como uma ordem menos branda.

As HQs *Xaxado* e *Fala Menino!* foram escolhidas por serem marcadas por traços de oralidade e representarem a fala cotidiana das pessoas da zona rural da Bahia e da Zona urbana, respectivamente.

Na HQ *Fala Menino!*, as análises revelam que há predominância do uso da forma subjuntiva com percentual de 76% (setenta e seis por cento) e somente 24% (vinte e quatro por cento) expressos na forma indicativa. Ainda sobre esta HQ, observou-se que a polaridade negativa não favorece o imperativo expresso pela forma indicativa. Contudo, alguns fatores podem condicionar o uso do imperativo na forma indicativa em polaridades negativas, como a partícula negativa posposta ao verbo (25) e dupla negação (26):

(25) “Liga não... intelectuais costumam responder com outras perguntas...”¹⁰

(26) Não liga não, vô!”

No *corpus* da HQ *Xaxado*, diferentemente do anterior em que o contexto sintático e discursivo se dá única e exclusivamente pelo pronome *você*, o uso predominante é do pronome *tu*. Em todo o *corpus* foram encontrados apenas duas ocorrências de pronome *você*.

Alves (2008) conclui que histórias em quadrinhos são uma grande fonte de pesquisa para entender a variável do imperativo, pois se aproximam da língua falada, coloquial e espontânea, fato que contribuiu para a escolha do *corpus* dessa pesquisa. O autor afirma também que, as regiões do Brasil influenciam na variação linguística, já que a maioria dos trabalhos sobre a região baiana mostra que o uso do imperativo

⁹ Cidade do estado da Bahia.

¹⁰ Os trechos (25) e (26) foram extraídos de Alves (2008, p. 147).

provém da forma subjuntiva, enquanto que, nos outros estados, principalmente os do sudeste, preferem o uso da forma indicativa.

Nesta dimensão, incluem-se as diferenças lingüísticas no que se refere à expressão variável do imperativo singular observadas entre regiões distintas da Bahia, onde se fala a mesma língua, a saber: 1. Salvador, a capital representada por fala Menino! e confirmando o que outras pesquisas já tinham explicitado (Sampaio, 2004; Alves; Alves, 2005; 2006; 2007); 2. Jacobina, zona rural (Sertão) representada por Xaxado; 3. Quatro comunidades rurais Afro-descendentes, a saber: i. Helvécia; ii. Cinzento; iii. Rio de Contas e iv. Sapé, os dados aqui foram extraídos de outra pesquisa (Santos, 2006); 4. Duas comunidades rurais, a saber: i. Santo Antonio de Jesus, município baiano e ii. Poções, outro município da Bahia, os dados aqui também foram extraídos de outra pesquisa (Santos, 2007). Sabemos que a variação diatópica ou regional pode ocorrer de país para país (Brasil, Portugal, Angola, por exemplo), de região para região (região sul, com os falares gaúcho, catarinense, por exemplo, e região nordeste, com os falares baiano, pernambucano etc.) (ALVES, 2008, p. 150).

Os trabalhos referidos nessa seção motivaram essa dissertação a investigar se há ou não a variação no imperativo na região do Triângulo Mineiro e, caso houver, se ela se aproxima do que foi apontado pelos estudiosos do assunto.

1.5 A visão de diferentes gramáticas e de um Dicionário de Linguística

Nesta seção, apresentamos, inicialmente, o imperativo com base nas gramáticas de Melo (1970), Castilho (2010), Cunha e Cintra (2010), Bagno (2014) e do dicionário de linguística de Câmara Jr (1977). Por fim, apontamos o tratamento de *tu* e *você*, indispensável no estudo do imperativo.

1.5.1 A proposta de Melo (1970)

De acordo com o autor, o imperativo é um dos modos do verbo. Para ele, “o modo exprime a atitude do falante relativamente à ação (ou fato), ao processo, ao movimento que o verbo traduz” (MELO, 1970, p. 567). Especificamente, o imperativo é uma ordem, um comando.

Para o autor, o imperativo só pode ter uma pessoa gramatical, a segunda, que pode ser o ouvinte ou o receptor. Ninguém deve mandar a si mesmo fazer algo, ele afirma. Nem uma terceira pessoa, pois ela estaria alheia ao circuito linguístico. Ele ainda acrescenta que, como em português usam-se formas da terceira pessoa com

valor de segunda (*você, o senhor*), admitem-se construções imperativas neste caso (*faz tu, faça você, dentre outras*).

1.5.2 A proposta de Castilho (2010)

Segundo Castilho (2010), as sentenças imperativas ocorrem quando o locutor ordena/sugere/pede ao interlocutor que faça algo. Estas sentenças imperativas possuem uma entoação descendente. O autor divide as formas imperativas em: imperativas diretas e imperativas indiretas. As imperativas diretas ocorrem quando o interlocutor ocupa uma posição socialmente superior ao interlocutor, conforme exemplo 27:

(27) “Vaza! Some! Dá o fora! Cai fora!”¹¹

Ademais, em construções como estas, predomina o sujeito elíptico, o verbo pode ser conjugado no imperativo, no subjuntivo ou no indicativo, no gerúndio ou no infinitivo. Pode, ainda, ter uma preposição seguida de advérbio que virá sozinho ou preposicionado.

Já as imperativas indiretas se caracterizam pela inversão da relação social entre locutor e interlocutor, o que Castilho (2010) chama de sentenças complexas, como:

(28) “Eu lhe peço que fique lá fora.”

As características destas construções são: o sujeito será expreso na sentença matriz e elidido na sentença encaixada; o verbo da matriz vem conjugado no indicativo do presente, no imperfeito e no futuro do pretérito (o último como forma de cortesia); o verbo da encaixada vem no subjuntivo, considerado estilo formal.

Castilho (2010) afirma que, no PB, dá-se preferência para o indicativo, fato que tem sido observado em várias pesquisas. Ele reitera que as formas do indicativo implicam uma relação de intimidade, ao contrário do subjuntivo.

1.5.3 A proposta de Cunha e Cintra (2010)

¹¹ Trecho extraído de Castilho (2010, p. 234).

Cunha e Cintra (2010) consideram que o imperativo afirmativo só possui formas próprias de 2ª (segunda) pessoa do singular e do plural, derivadas das correspondentes do presente do indicativo com a supressão do –s final. Os autores observam que: “Excetua-se o verbo **ser**, que faz **sê** (tu) e **sede** (vós)” (p. 405).

Outra informação acerca dos verbos no imperativo: costumam perder o –e na 2ª pessoa do singular do imperativo afirmativo os verbos **dizer**, **fazer**, **trazer** e os terminados em –uzir: **dize** (ou **diz**) tu, **faze** (ou **faz**) tu, **traze** (ou **traz**) tu, dentre outras.

Os autores concluem afirmando que as outras pessoas do imperativo afirmativo, bem como todas as do imperativo negativo, são supridas pelos equivalentes do presente do subjuntivo, com o pronome posposto, quando usado.

1.5.4 A proposta de Bagno (2014)

Bagno (2014) afirma que o modo é uma das categorias semânticas dos verbos junto com o aspecto, o tempo e a voz. Dentre os modos, encontra-se o modo imperativo e, ainda segundo no autor, é descrito como aquele em que o falante exprime uma ordem, comando, exortação ou pedido.

De acordo com Bagno (2014), a tradição gramatical do português e os materiais didáticos apresentam “um quadro de formação do imperativo que não corresponde em nada à realidade do PB falado e escrito nos dias de hoje” (BAGNO, 2014, p. 566). Essa não correspondência se deve ao fato de que a tradição gramatical se apega à descrição do uso do *tu*, que no PB só é usado em algumas regiões do Brasil, e ao uso do *vós*, o qual não é mais usado por qualquer língua que tenha sido derivada do português clássico.

O autor traça uma síntese do emprego do imperativo a partir do que muitas pesquisas têm revelado. No imperativo afirmativo, conforme a tradição gramatical, a segunda pessoa do singular (*tu*) é formada com a supressão do –s final da conjugação do presente do indicativo.

(29) *tu falas-> fala (tu)*¹²

Ainda segundo a tradição, Bagno (2014) admite que se o falante fizer a escolha pelo *você*, deve-se utilizar a terceira pessoa do singular do presente do subjuntivo:

¹² Os exemplos (29) e (30) foram extraídos de Bagno (2014, p. 566).

(30) que ele fale-> fale (você)

O autor alerta que essas regras não correspondem aos usos do português brasileiro. O *tu*, como já dito anteriormente, é utilizado em algumas regiões do país. Já o *você*, tem uma “distribuição muito mais ampla por todo o território” (BAGNO, 2014, p. 567). Ele prescreve *você* como uma maneira mais geral de se tratar o interlocutor com quem se possui intimidade, de modo menos formal. O autor afirma que, no Brasil, o *você* predomina.

Outra questão levantada por Bagno (2014) é a de que quando o *tu* é utilizado em regiões específicas do país, a forma verbal não corresponde à conjugação prescrita pela tradição gramatical (*tu falas, tu falaste*). O autor assegura que o imperativo no PB segue regras mais complexas do que as que aparecem nas Gramáticas Tradicionais.

Além disso, o que comumente ocorre com o imperativo é uma inversão do que o que está prescrito na Gramática Normativa. O *tu*, quando usado, é associado ao subjuntivo. Assim, as formas imperativas, associadas ao subjuntivo, possuem um fator geográfico, pois aparecem com mais frequência no Norte e Nordeste.

As regiões que utilizam o *você* como pronome de tratamento indicam uma frequência maior de imperativo associado ao indicativo. Bagno (2014) atesta que, em muitos casos, o falante pode empregar as duas formas do imperativo, subjuntivo e indicativo, na mesma frase, como no exemplo abaixo:

(31) Reinvente. Vem com a gente.¹³

Outro aspecto mencionado por Bagno (2014) é o fato de o imperativo com o índice de pessoa *nós* não ocorre na língua falada no Brasil. Segundo ele, é impossível pensar alguém falando “Saíamos da varanda e passemos à sala de jantar.” (BAGNO, 2014, p. 569) para usar o imperativo para *nós*, na fala espontânea, usa-se o verbo **vamos** seguido de infinitivo (*vamos sair, vamos correr, etc*).

O autor alega que o imperativo negativo para o pronome *tu* não ocorre em nenhuma variedade do PB. Nem mesmo nas regiões em que encontramos o uso do *tu* conforme a tradição gramatical é usado o imperativo negativo de acordo com a Gramática Normativa. Em outras palavras, “ninguém no Brasil diz *não venhas, não*

¹³ Exemplo extraído de Bagno (2014, p. 568).

faças, não digas, etc. As formas realmente empregadas são *não vem, não faz, não diz* ou então *não venha, não faça, não diga*” (BAGNO, 2014, p. 571).

Por fim, Bagno (2014) declara que a riqueza do imperativo precisa ser reconhecida. A preservação do quadro tradicional da formação do imperativo é pobre quando comparamos com a realidade dos usos.

O tratamento dado por Bagno (2014) ao imperativo, parece ser um reflexo do que as pesquisas já resenhadas apontaram. A Gramática Tradicional prescreve um uso do imperativo que não corresponde à realidade do imperativo falado e escrito atualmente.

1.5.5 Dicionário de Linguística: a proposta de Câmara Jr. (1977)

Segundo o autor, o verbo, na língua portuguesa, desenvolve-se em conjuntos flexionais chamados conjugações. A gramaticalidade do verbo abrange pessoa e número; tempo e modo.

O sujeito do verbo é marcado pela desinência verbal e indica, também, impessoalidade (fenômenos da natureza) e pode estar na voz passiva ou ativa. Para ele, a flexão caracteriza significação intrínseca da forma verbal, indicativo, subjuntivo e imperativo.

Atesta que o subjuntivo e o imperativo assinalam uma tomada de posição subjetiva do falante em relação à comunicação. Enquanto o subjuntivo apresenta uma dependência verbal a uma palavra a qual é subordinado (oração principal ou o advérbio talvez), o imperativo não apresenta dependência. Câmara Jr (1977) considera, ainda, que o imperativo é ligado a um ato em que se exige do interlocutor a ação verbal.

Em suma, a Gramática Tradicional prescreve que o imperativo é um dos modos do verbo. Ele fornece uma ordem, um comando. Para a maioria dos gramáticos, o imperativo só pode ter uma pessoa gramatical, a segunda pessoa. O imperativo afirmativo advém do subjuntivo quando a ordem for dada ao pronome pessoal *você* e, do indicativo, quando for dada ao pronome pessoal *tu*. Já o imperativo negativo vem todo do subjuntivo.

1.5.6 O tratamento tu e você

O estudo das mudanças ocorridas no sistema pronominal do português ajuda na compreensão dos fenômenos linguísticos variáveis devido à introdução de novas formas de tratamento no sistema linguístico. Nesta pesquisa, interessa saber e analisar essas mudanças no uso que se faz do modo imperativo no PB.

Algumas pesquisas apontam que o falante, no Brasil, ao usar o modo imperativo, não o associa ao pronome tu ou você (FARACO, 1982; SAMPAIO, 2001; SCHERRE, 2000). Então, a escolha das formas variantes parece não se dar em relação às pessoas do discurso, mas devido a outros fatores internos e externos que serão analisados posteriormente.

Recapitulando a história dos pronomes, mais precisamente na Europa, no século XV, algumas mudanças sociais e econômicas ocorreram. A forma de tratamento vós, que antes era utilizada formalmente, não significava mais marca de poder e acabou sendo substituída pela forma vossa mercê. Especula-se que a língua portuguesa tenha sofrido influência dos navegadores que, em suas viagens, acabaram entrando em contato com outras línguas e culturas.

Classes sociais surgiram e aceleraram as mudanças nas formas de tratamento utilizadas até o momento. Vossa mercê deixou de ser utilizado para marcar poder e *status*, se popularizando e passou a ser utilizado concomitante com o *tu*, forma de tratamento mais íntima (FARACO, 1996, p.62).

No Brasil, especificamente, desde a ocupação europeia, as formas de tratamento usadas eram as variantes de vossa mercê, até chegar atualmente à forma você. A forma você é utilizada para um tratamento mais íntimo, enquanto o tu, também íntimo, é restrito a algumas variedades regionais. Na região centro-oeste e em algumas áreas da região sudeste e nordeste, o pronome você foi tomando lugar do pronome tu, o qual era utilizado em situações informais até o século XIX.

Faraco (1996) afirma que a mudança na forma de tratamento no português é uma evidência de que mudanças sociais ocasionam mudanças linguísticas e que estas desencadeiam uma série de mudanças internas. No imperativo, o uso do pronome você, substituto do pronome tu, interferiu no processo de variação. Paredes e Silva et al (2000), por exemplo, consideram que formas ligadas ao pronome tu têm sido usadas em contexto de pronome você. Assim, o imperativo tem apresentado duas formas variáveis em contexto de pronome você: uma associada à forma indicativa e

outra associada à forma subjuntiva. Diferentemente da Gramática Normativa, mas bastante usado na fala brasileira, conforme evidenciam as pesquisas.

Em algumas regiões do Brasil, com a mudança da forma de tratamento de tu para você, o falante manteve o uso do imperativo verdadeiro (associado à segunda pessoa do modo indicativo sem o –s final). Este uso coexiste com o uso da forma associada ao subjuntivo. Como esses usos se dão em contextos semelhantes, trata-se de um processo de variação linguística.

Na região do Triângulo Mineiro usa-se mais o pronome você. O tu é uma forma não utilizada pelos mineiros. Esperamos que, o contexto do pronome você favoreça o uso do imperativo associado ao indicativo.

1.6 Resumo

Apresentamos nesta seção a Sociolinguística Laboviana, a Paramétrica e a Mudança Linguística que nortearam o referencial teórico de toda a nossa pesquisa. Realizamos, também, um levantamento de pesquisas pertinentes ao nosso tema, como as de Scherre (2003; 2007), Borges (2005) e Alves (2007).

Mostramos a visão de diferentes gramáticas e de um Dicionário de Linguística sobre o imperativo. Explicamos, do ponto de vista histórico e atual, a forma de tratamento dos pronomes tu e você.

Na seção a seguir, apresentaremos os procedimentos metodológicos, envelope de variação, as hipóteses, os objetivos e os grupos de fatores.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Nesta seção, apresentamos os Procedimentos Metodológicos utilizados para a investigação do *corpus* que compõe esta pesquisa. A variação, segundo Labov ([1972] 2008), é capaz de ser analisada e sistematizada. Nesta linha da Sociolinguística Quantitativa, seguimos as três fases seguintes de Guy (2007):

- a) Coleta de dados;
- b) Redução e apresentação de dados;
- c) Interpretação e explicação de dados.

Na primeira fase, a coleta de dados, foram delimitados os quinze primeiros anos de cada século (XX e XXI). Foram analisados todos os dados coletados, um total de 121 (cento e vinte e uma) ocorrências na forma imperativa. Segundo Guy (2007), sempre surge a dúvida de quantos dados são necessários para a investigação de um fenômeno. A resposta que ele fornece é a de que devemos obter “tantos dados quanto possível” (GUY, 2007, p. 23).

Consoante a Guy (2007), a segunda fase da pesquisa, de redução e apresentação dos dados, é apresentar as tendências descobertas e o que é interessante para o pesquisador. Essas apresentações podem ser por meio dos gráficos. Dependendo da necessidade do pesquisador, haverá um gráfico que melhor lhe satisfaça, como gráfico de linhas, diagrama de dispersão, mapa quantitativo, representação por componentes principais, dentre outros. Nesta pesquisa foram codificados os dados, etapa necessária devido ao programa estatístico utilizado em nossa análise.

A terceira fase da pesquisa consiste na interpretação e explicação de dados. Para Guy (2007), o objetivo final de qualquer estudo quantitativo não é apresentar números, mas sim identificar e explicar os fenômenos linguísticos. Nesta etapa são testadas as hipóteses, são feitas comparações de análise, modelos de dados são desenvolvidos.

O autor afirma que analisar a regra variável “é um tipo de análise amplamente empregada em estudos de variação linguística hoje em dia” (GUY, 2007, p. 33). A finalidade é testar os fatores da variável linguística. Para identificar a variável foram definidas as variantes e determinado o envelope de variação, que é justamente a

“descrição detalhada das variantes” (TARALLO, 1997, p. 33). Diante disso, utilizamos o *Goldvarb 2001* para fazer a rodagem dos dados e, a partir disso, poder analisar, interpretar e comparar os resultados.

2.1 O *corpus* da pesquisa

O universo desta pesquisa foi formado por um *corpus* de 121 (cento e vinte e uma) tirinhas de jornais que circularam ou circulam na cidade de Uberaba, o *Lavoura e Comércio* (doravante LA) no século XX e o *Jornal da Manhã* (doravante JM) no século XXI, respectivamente. Primeiro foram selecionadas as tirinhas que apresentaram a ocorrência do imperativo, depois foram separadas de acordo com o grupo de fatores elencados.

Após a seleção dos dados, as ocorrências foram codificadas e foi utilizado o *Goldvarb 2001*, programa computacional para a implementação do modelo matemático probabilísticos em pesquisa variacionista para codificar os dados.

Uberaba, cidade onde os jornais circulam, é um município do estado de Minas Gerais, no Brasil. Localiza-se na região do Triângulo Mineiro, pertence à Mesorregião do Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba e à microrregião de mesmo nome. Sua população, em julho de 2013, segundo estimativa do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, era de 318.813 habitantes, a oitava mais populosa do estado e



a 82^a (octogésima segunda) mais populosa do Brasil, contando com mais de 175 (cento e setenta e cinco) bairros e um crescimento populacional de, aproximadamente, 3000 (três mil) habitantes por ano. É considerada uma cidade-polo e seu produto interno bruto é o 72^o (septuagésimo segundo) maior do Brasil. Tal infraestrutura abriga a Universidade Federal do Triângulo Mineiro (UFTM), um polo educacional que está entre as melhores universidades do país. Possui também a Universidade de Uberaba (UNIUBE) e Faculdades Associadas de Uberaba (Fazu).

A cidade é conhecida como a capital mundial do gado Zebu, sendo polo comercial desta variedade de gado. Além disso, Uberaba possui várias multinacionais instaladas como a Black & Decker, Bunge, Vale Fertilizantes, Duratex, Atlantica,

dentre outras. O Índice de Desenvolvimento Humano Municipal (IDH) medido pelo *Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento*, indica que Uberaba saltou da 9ª (nona) para a 4ª (quarta) colocação em Minas Gerais, em um período de 10 (dez) anos.¹⁴

2.1.1 Jornal Lavoura e Comércio

O Jornal Lavoura e Comércio foi fundado em 1899 e sua última edição circulou em 23 de outubro de 2003. A coleção do jornal presente no Arquivo público é composta de 227 volumes (27.550 edições) e 900 mil fotografias. O jornal é centenário e de grande valor histórico para Uberaba e região. É considerado o jornal mais antigo de Minas Gerais e o terceiro mais antigo do Brasil.¹⁵

2.1.2 Jornal da Manhã

O Jornal da Manhã é um jornal brasileiro editado na cidade de Uberaba MG. Foi fundado em 25 de julho de 1972. Começou a circular com apenas oito páginas diárias, de terça-feira a domingo, e era impresso pelo sistema tipográfico. O Jornal da manhã revolucionou a imprensa uberabense e do Triângulo Mineiro desde o seu surgimento e é um dos jornais mais importantes da cidade de Uberaba.

As cidades vizinhas de circulação do jornal são: Araxá, Araguari, Campo Florido, Conceição das Alagoas, Conquista, Delta, Igarapava, Ituiutaba, Uberlândia e várias outras.¹⁶

2.2 O *corpus* utilizado: tirinhas – uma reflexão sobre o gênero

Marcuschi (2015) debate a noção de gêneros e afirma que é uma discussão presente desde Aristóteles, mas que, hoje, o estudo dos gêneros está em uma perspectiva diferente da aristotélica e cada vez mais multidisciplinar.

Para o linguista, analisar gêneros engloba analisar o texto e o discurso, fazer uma descrição da língua e da visão da sociedade. Falar de gênero, para o autor, é

¹⁴ Fonte: <http://www.uberaba.mg.gov.br/portal/conteudo,328>. Acesso em: 16/01/2015

¹⁵ Fonte: <http://www.codiub.com.br/lavouraecomercio/pages/main.xhtml>. Acesso em: 16/01/2015

¹⁶ Fonte: <http://www.jmonline.com.br/novo/?paginas/ojornal>. Acesso em: 16/01/2015

falar “da língua em seu cotidiano nas mais diversas formas” (MARCUSCHI, 2015, p. 149).

Conjuntamente com Marcuschi (2015) e Bakhtin (1992 *apud* MARCUSCHI, 2015), admitimos que qualquer atividade humana relaciona-se com a língua por meio de enunciados orais ou escritos. O gênero, portanto, não pode ser tratado independentemente da realidade social e das atividades humanas.

Marcuschi (2015) caracteriza os gêneros textuais como dinâmicos, complexos, de grande variedade, sendo impossível fazer uma lista fechada. Tanto é que os estudiosos não mais se preocupam em fazer tipologias, mas sim em explicar como eles se constituem. Outra discussão desenvolvida pelo linguista diz respeito ao suporte dos gêneros. O autor alerta para a complexidade de uma definição de suporte, porém ainda inexistem estudos sistemáticos sobre o assunto.

A ideia central que Marcuschi (2015) aponta é que “o suporte não é neutro e o gênero não fica indiferente” (p.174). O suporte é imprescindível para que o gênero circule na sociedade e deve ter uma influência no gênero suportado. O gênero será sempre identificado na relação com o suporte.

O suporte é definido como um “*locus* físico ou virtual com formato específico que serve de base ou ambiente de fixação do gênero materializado como texto” (MARCUSCHI, 2015, p. 174). O suporte, no caso desta pesquisa, é o jornal, o qual suporta o gênero tirinhas, o nosso *corpus*.

As tiras são um subtipo de história em quadrinhos (Marcuschi *apud* Dionísio, 2005), porém são mais curtas, sintéticas, podendo ser sequenciais ou fechadas. De acordo com Santos (2002), tirinhas são definidas como uma forma de comunicação visual impressa que se soma a elementos verbais para compor uma narrativa. Podem estar publicadas de diversas maneiras, sendo o mais comum nas páginas de cultura de jornais.

Para a análise da variação do imperativo gramatical em textos escritos com formato de diálogo foram escolhidas as tirinhas. A escolha foi motivada pelo fato de as tirinhas serem “um gênero discursivo que não é oral, mas é oral, porém se atualiza na escrita e se completa com o visual. É um texto para ser lido, mas como objetivo para se fazer escutar, o que o inclui dentro da questão do *continuum* fala-escrita” (LINS, 2008, p. 14).

Silva (2010) evidencia que as tirinhas dos jornais contemporâneos possuem duas linguagens: uma verbal, que é o texto escrito, e uma não-verbal, pertencente às imagens. A linguagem coloquial das tiras, composta por símbolos, imagens, expressões dos personagens faz uma rica interação com o leitor, que deve interpretá-las. No século XX é diferente, a linguagem encontrada nessas tirinhas são mais formais, de acordo com a norma padrão.

2.3 Hipóteses

Para o desenvolvimento da pesquisa foram levantadas as seguintes hipóteses:

- O uso do vocativo favorece o imperativo associado ao indicativo.
- A presença do clítico, seja posposto ou anteposto ao verbo, favorece o uso do imperativo na forma indicativa.
- O século XX apresenta o imperativo associado ao subjuntivo em contextos de pronome *você*, enquanto o século XXI apresenta o imperativo associado ao indicativo em contexto de pronome *você*.
- A polaridade afirmativa da estrutura favorece o uso do imperativo na forma indicativa.

2.4 Objetivos

Diante das hipóteses levantadas, este trabalho tem os seguintes objetivos:

Objetivo geral:

Investigar se ocorre variação no uso das formas verbais em situações imperativas em tirinhas de jornais da cidade de Uberaba nos quinze primeiros anos dos séculos XX e XXI.

Objetivos específicos:

- Verificar se o vocativo favorece a ocorrência de determinada forma imperativa.
- Verificar se a ocorrência do clítico favorece o uso do imperativo na forma subjuntiva ou indicativa.

- Verificar se o século XX apresenta o imperativo associado ao subjuntivo em contextos de pronome você, e se o século XXI apresenta o imperativo associado ao indicativo em contexto de pronome você.
- Verificar se a polaridade afirmativa da estrutura favorece o uso do imperativo na forma indicativa.

2.5 O envelope de variação

O envelope de variação desta pesquisa foi composto por fatores linguísticos e extralinguísticos, conforme proposto na metodologia da Sociolinguística Quantitativa.

A seguir, será apresentado o envelope de variação, composto pelos grupos de fatores a serem analisados. A variável dependente é formada pelos séculos porque analisamos nossos dados em sistemas diferentes, como prevê a sociolinguística paramétrica.

Envelope de variação

Variável dependente:¹⁷

(0) Século XX

(1) Século XIX

Grupos de fatores:

Grupo 1: Imperativo

a) Subjuntivo

b) Indicativo

Exemplos:

(32) Vem aqui menina.¹⁸

¹⁷ As variantes linguísticas, segundo a Teoria Laboviana, são as diversas maneiras de se dizer a mesma coisa em um mesmo contexto e com o mesmo valor de verdade. A um conjunto de variantes dá-se o nome de *variável linguística*. Essas variáveis subdividem-se em variáveis linguísticas dependentes e independentes.

¹⁸ Os exemplos foram extraídos do jornal *Lavoura e Comércio*, LC (1968).

(33) Come tudo meu filho!

Grupo 2: Clítico posposto/anteposto ao verbo

c) posposto

d) anteposto

e) ausência de clítico

Exemplos:

(34) Deite-se.

(35) Me chama pro o jantar!

(36) Vem embora!¹⁹

Grupo 3: Vocativo anteposto/posposto ao verbo

f) anteposto

g) posposto

h) ausência

Exemplos:

(37) Me chame quando estiver precisando.

(39) Abrace-me Larry.

(40) Chame ele.

Grupo 4: Polaridade da estrutura

i) afirmativa

j) negativa

Exemplos:

(41) Você deve fazer o que pedi.

(42) Não preste atenção no que ele diz.

¹⁹ Exemplo extraído do *Jornal da Manhã*, edição publicada em 23 de março de 2013.

2.6 Resumo

Nesta seção procuramos apresentar o *corpus* de nossa pesquisa, assim como as hipóteses, os objetivos e o envelope de variação que nortearam nosso trabalho.

DESCRIÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

Nesta seção, apresentamos a descrição e análise dos dados obtidos por meio das rodadas no programa *Goldvarb 2001*, após o cruzamento da variável dependente com os grupos de fatores estabelecidos no capítulo anterior

Foi realizada uma análise em tópicos de acordo com o envelope de variação apresentado na seção anterior. São apresentados gráficos que ilustraram os resultados para, em seguida, apresentarmos a discussão, comprovação ou refutação das hipóteses e possíveis comparações com os trabalhos já realizados sobre o tema, conforme apresentado na primeira seção.

Na Tabela 10, a seguir, apresentamos uma visão geral de nossos resultados no cruzamento dos grupos de fatores com a variável dependente.

Tabela 10: Visão geral dos resultados

	Grupo de Fatores	Século XX		Século XXI		Peso Relativo	Porcentagem Total
		N	%	N	%		
Grupo 1	Subjuntivo	47	85	8	15	0,9	100
	Indicativo	2	3	58	97	0,02	100
	Clítico posposto	44	44	54	56	0,27	100
Grupo 2	Clítico Anteposto	1	33	2	67	0,54	100
	Ausência de Clítico	4	28	10	72	0,39	100
	Vocativo						
Grupo 3	Posposto	37	46	52	54	0,1	100
	Ausência de Vocativo	12	41	14	59	0,37	100
	Polaridade Afirmativa	40	42	54	58	0,25	100
Grupo 4	Polaridade Negativa	9	42	12	58	0,49	100

Pela tabela 10, podemos observar que no século XX há predominância da forma imperativa associada ao subjuntivo, ao passo que, no século XXI, existe uma preferência pelo indicativo. Nas seções a seguir, mostramos os cruzamentos com mais detalhes, indicando se houve confirmação ou refutação de nossas hipóteses, apresentadas na metodologia.

3.1 Variável dependente: os séculos XX e XXI

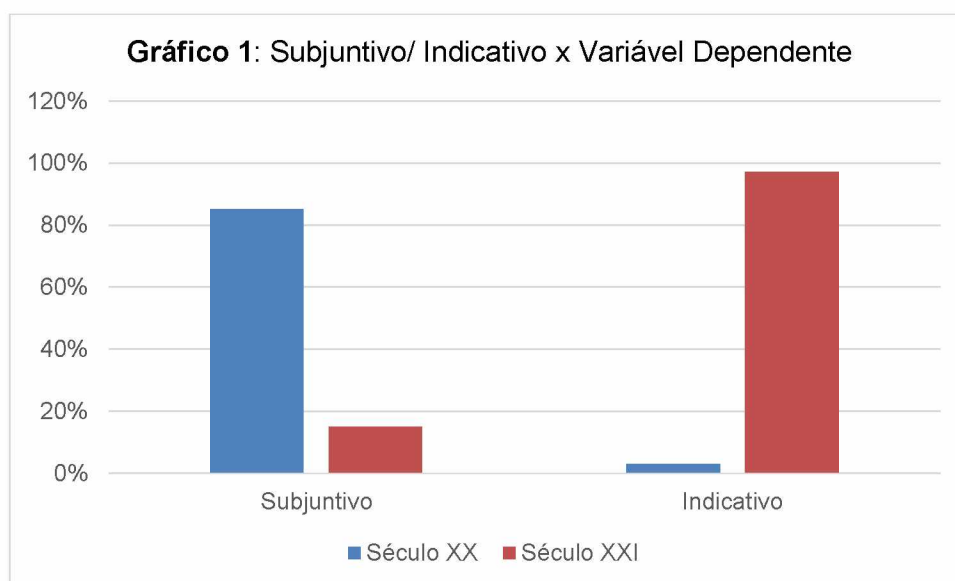
Nossa pesquisa teve como objetivo central investigar se há variação do imperativo em tirinhas publicadas nos séculos XX e XXI, na cidade de Uberaba. Para isso, tomamos os séculos como nossa variável dependente. Investigamos cada grupo de fator relacionando-os com a variável para melhores resultados.

Uma de nossas hipóteses é a de que o século XX apresenta imperativo associado ao subjuntivo e, o século XXI, apresenta imperativo associado ao indicativo. Como será apresentado a seguir, a hipótese foi confirmada. No século XX, foi encontrado imperativo subjuntivo com frequência de 85% (oitenta e cinco por cento) e, no século XXI, foi encontrado imperativo indicativo com frequência de 97% (noventa e sete por cento).

3.2 Variáveis independentes

3.2.1 Imperativo associado ao subjuntivo e associado ao indicativo x variável dependente

Neste cruzamento, observamos o comportamento do verbo na forma imperativa associado ao subjuntivo ou ao indicativo nos séculos XX e XXI.



Os dados obtidos no Gráfico 1²⁰ demonstram um percentual de 85% (oitenta e cinco por cento) para o emprego do imperativo associado ao subjuntivo, no século XX, conforme o exemplo (43). Ao passo que, no século XXI, há 97% (noventa e seis por cento) do emprego do imperativo associado ao indicativo, conforme o exemplo (44).

(43) Observe a mão.²¹

(44) Almoça direito, menino!²²

Esses dados revelam uma inversão entre o uso do subjuntivo e indicativo nos séculos XX e XXI, respectivamente. No século XX, havia um maior uso do imperativo associado ao subjuntivo, já no século XXI, o uso do imperativo associado ao subjuntivo diminui sensivelmente e observamos o maior uso do imperativo associado ao indicativo. Tal resultado confirma a hipótese, apresentada no Capítulo 2, de que cada século favorece determinada forma de imperativo.

Ao analisar os possíveis motivos deste resultado, destacamos o fato de, nos quinze primeiros anos do século XX, os jornais sofrerem uma pressão da Gramática Normativa, assim tendiam a se aproximar do que essa gramática prescrevia, indicando a preferência no uso do imperativo associado ao subjuntivo.

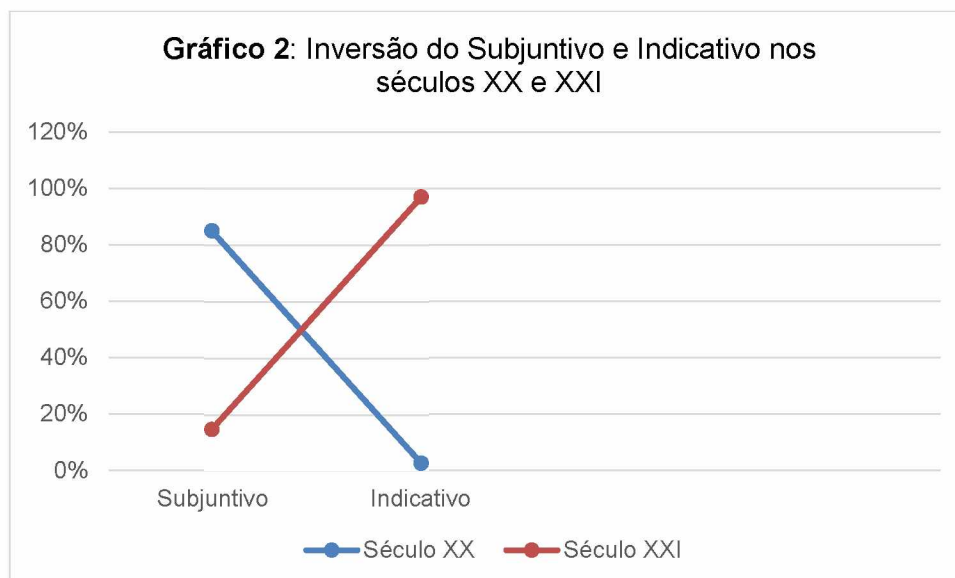
Já no século XXI, a ocorrência significativa de imperativo na forma indicativa, considerada variante, como visto em Borges (2005), indica uma variação na forma como o imperativo se manifesta na tirinhas uberabenses. Foi observada uma inversão significativa na frequência, que pode ser mais bem explicitada pelo Gráfico 2²³, que evidencia de forma perceptível o momento em que o subjuntivo declina e o indicativo ascende. Um motivo para o fato de o indicativo prevalecer no século XXI se deve ao fato de, possivelmente, no referido século, haver uma diminuição da pressão da Gramática Normativa e, assim, a linguagem das tirinhas procurarem se aproximar ao uso no cotidiano, no caso o indicativo, conforme as pesquisas de Scherre (2003, 2007) e Borges (2005).

²⁰ Gráfico referente à Tabela 1 do Apêndice A.

²¹ Exemplo retirado do *Jornal Lavoura e Comércio*, edição publicada em 16 de janeiro de 1955.

²² Exemplo retirado do *Jornal da Manhã*, edição publicada em 28 de abril de 2006.

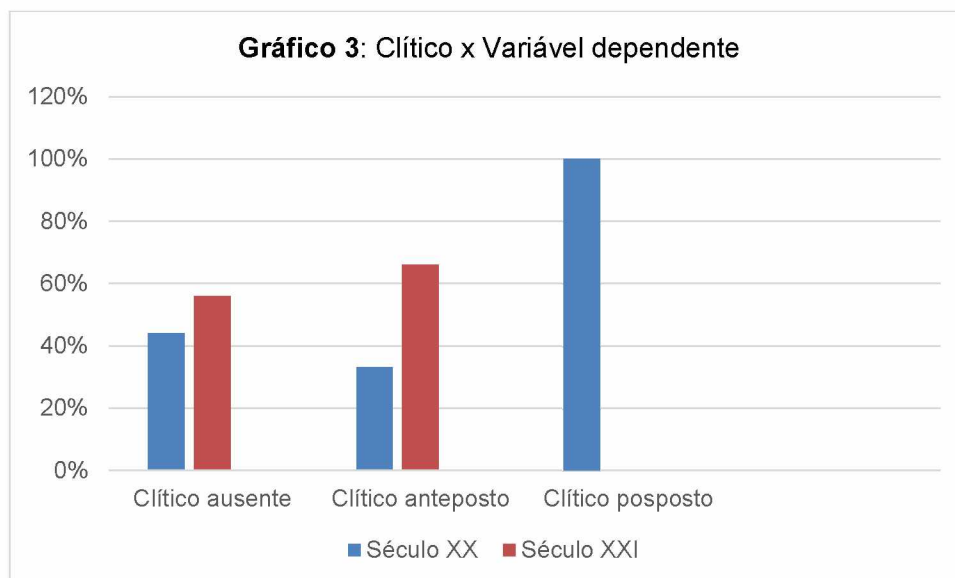
²³ Gráfico referente à Tabela 1 do Apêndice A.



Salientamos que esse cruzamento mostrou grande relevância ao grupo de fator Subjuntivo/Indicativo. Com ele pudemos confirmar nossa hipótese de que o século XX favorece o imperativo associado ao subjuntivo e, o século XXI, favorece o imperativo associado ao indicativo. Observamos que os resultados estão de acordo com as pesquisas acima referidas. O grupo de fator do Subjuntivo e Indicativo, especialmente, foi importante para efetuarmos os próximos cruzamentos, pois, analisando o comportamento dos outros fatores em relação a esse grupo de fator, pudemos definir o comportamento do imperativo nos séculos XX e XXI nas tirinhas publicadas nos jornais de Uberaba.

3.2.2 Clítico posposto/antesposto/ausente ao verbo x Variável dependente

O Gráfico 3, a seguir, apresenta o cruzamento do comportamento do Clítico e a Variável dependente.



O Gráfico 3²⁴ apresenta os percentuais globais para o comportamento do clítico nos séculos XX e XXI. O clítico posposto ao verbo apresentou uma maior ocorrência no século XX, com frequência de 100% (cem por cento), como observado no exemplo (45) e 0% zero por cento) de frequência no século XXI. Tal fato confirma a afirmação de Scherre (2003), o qual salienta, em suas pesquisas, que os clíticos ocorrem depois dos verbos principais em orações imperativas associadas ao subjuntivo.

Como visto na seção 3.2.1, no século XX, observamos uma maior ocorrência de verbo imperativo associado ao subjuntivo, sendo assim, inferimos que 100% (cem por cento) de clítico posposto no século XX está associado ao subjuntivo e não ao indicativo. Tal fato que será comprovado em seção posterior quando apresentarmos o cruzamento entre o clítico posposto, subjuntivo/indicativo e variável dependente.

(45) Anime-se meu amigo!²⁵

O clítico anteposto ao verbo na forma imperativa teve um percentual de 67% (sessenta e sete por cento) nos jornais do século XXI contra 33% (trinta e três por cento) nos jornais do século XX. Este resultado confirma nossa hipótese de que a presença do clítico favorece o imperativo associado ao indicativo e corrobora com a pesquisa de Scherre (2007), a qual evidencia que o PB é uma língua proclítica. Ademais, hipótese que a linguista fornece para tal é a de que o PB tenha herdado

²⁴ Gráfico referente à Tabela 2 do Apêndice A.

²⁵ Exemplo retirado do *Jornal Lavoura e Comércio*, edição publicada em 09 de setembro de 1956.

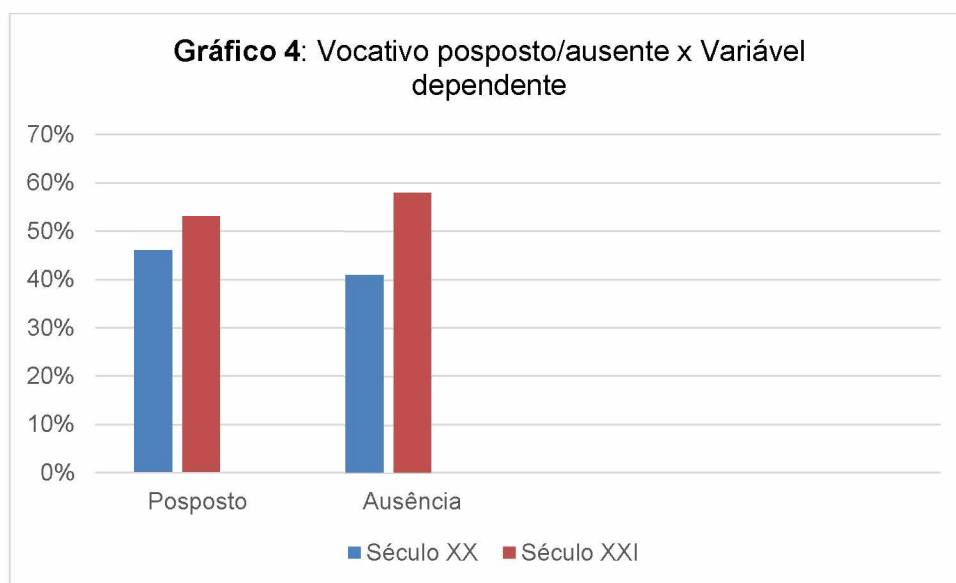
esta característica do português clássico. Pelo Gráfico 3, como veremos na seção seguinte, a maior ocorrência de clítico anteposto ao século XXI está associada ao verbo na forma imperativa associado ao indicativo, como mostra o exemplo (46):

(46) Me ajuda!²⁶

Foram encontradas também sentenças com ausência de clítico com um percentual de 56% (cinquenta e seis por cento) no século XXI e 44% (quarenta e quatro por cento) no século XX. Tais porcentagens demonstram que a ausência não é relevante para o estabelecimento de diferenças entre os dois séculos.

3.2.3 Vocativo anteposto/posposto/ausente x Variável dependente

Nesta seção, apresentamos o cruzamento do grupo de fator do vocativo posposto ou ausente com a variável dependente.



Os dados obtidos no Gráfico 4²⁷ demonstram um percentual de 54% (cinquenta e quatro por cento) de vocativo posposto ao verbo no século XXI, conforme o exemplo (47), e 46% (quarenta e seis por cento) no século XX, conforme o exemplo (48). Considerando este resultado, observamos que não é fator relevante, pois a diferença percentual é menor de 15% (quinze por cento). No entanto, de acordo com

²⁶ Exemplo retirado do *Jornal da Manhã*, edição publicada em 04 de outubro de 2003.

²⁷ Gráfico referente à Tabela 3 do Apêndice A.

a ocorrência predominante de subjuntivo no século XX e indicativo no século XXI, entendemos que o indicativo favorece o vocativo posposto. Scherre (2003) afirma que a simples presença do vocativo favorece a forma indicativa, fato que será comprovado em seção posterior.

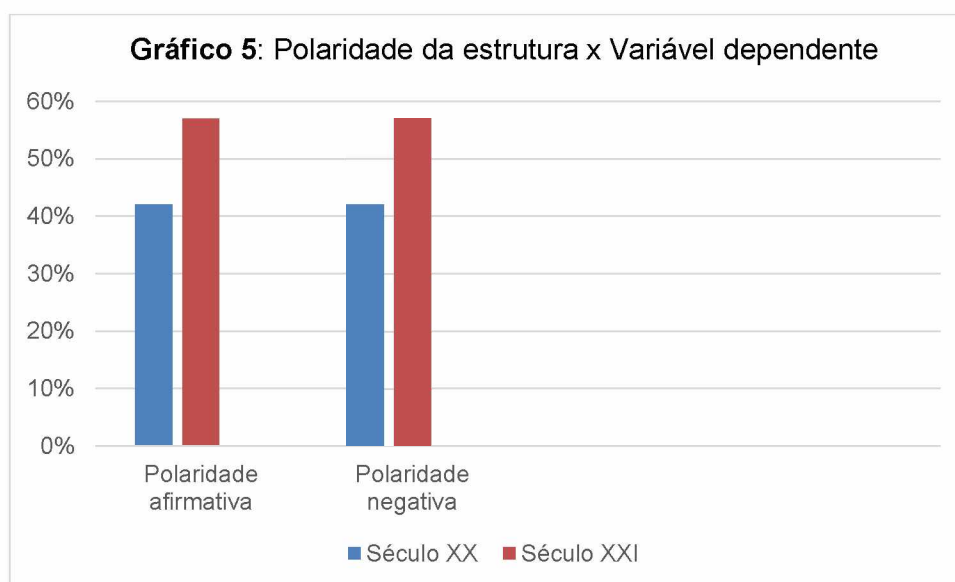
A ausência de vocativo representa um percentual de 59% (cinquenta e nove por cento) no século XXI contra 41% (quarenta e um por cento) no século XX. Neste caso, revelando uma diferença significativa. Quando foi criado o envelope de variação, havíamos selecionado um grupo de vocativo anteposto, porém, ao coletar os dados, nos deparamos com apenas uma ocorrência com vocativo anteposto no século XX e nenhuma no século XXI. Como esta única ocorrência apresentava nocaute na rodagem dos dados, optamos por retirá-la.

(47) Sai daí, Felipe! (século XXI)²⁸

(48) Faça a investigação, Rob. (Século XX)²⁹

3.2.4 Polaridade da estrutura x Variável dependente

O cruzamento da variável dependente com a polaridade da estrutura apresentou o seguinte resultado:



²⁸ Exemplo retirado do Jornal da Manhã (05/03/08)

²⁹ Exemplo retirado do Jornal Lavoura e Comércio (03/08/68)

O Gráfico 5³⁰ demonstra um percentual de 58% (cinquenta e oito por cento) na polaridade afirmativa no século XXI contra 42% (quarenta e dois por cento) no século XX. Como já dito na seção 3.3.1, o século XX apresenta maior ocorrência de imperativo no subjuntivo, enquanto, no século XXI, há uma ocorrência do imperativo. Segundo Scherre (2003), a polaridade afirmativa favorece a estrutura imperativa na forma indicativa, comprovamos nas seções posteriores, que os 58% (cinquenta e oito por cento) de polaridade afirmativa no século XXI estão, em sua maioria, ligados à polaridade afirmativa, o que comprova nossa hipótese de que a polaridade afirmativa favorece o uso do imperativo associado ao indicativo.

No século XX, a polaridade negativa aparece nas mesmas porcentagens da polaridade afirmativa. Scherre (2003) afirma que a polaridade negativa aumenta o uso do imperativo na forma subjuntiva. Neste caso, não podemos afirmar que há diferença entre os séculos.

3.3 Cruzamento dos dados

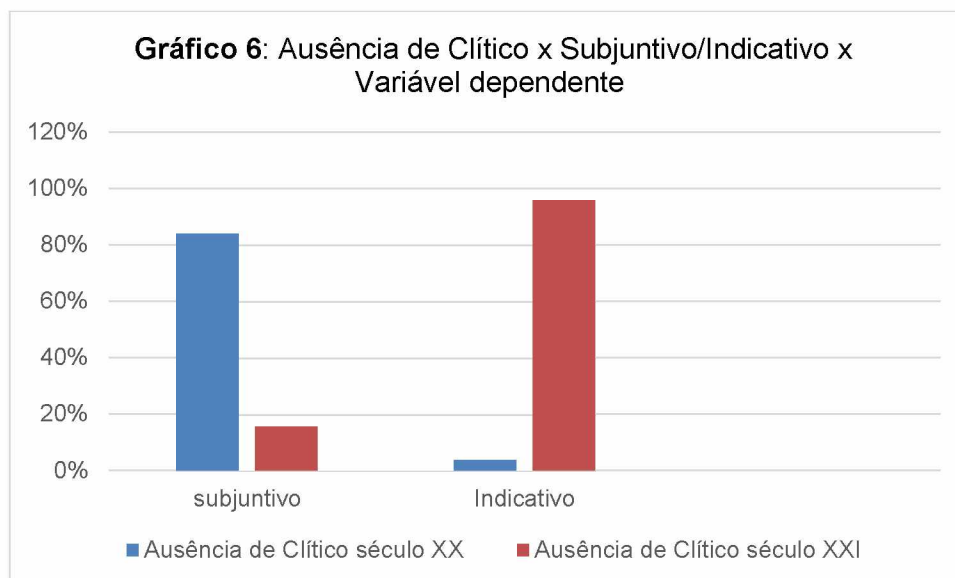
Como a variável dependente foi constituída pelos séculos XX e XXI, para um maior refinamento das análises anteriores, foram realizados os cruzamentos isolados para indicar qual a relação do grupo de fator 1, nesse caso, o subjuntivo e indicativo, com os demais grupos e a variável dependente.

3.3.1 Clítico x Subjuntivo/Indicativo x Variável dependente

O Gráfico 6, a seguir, apresenta o cruzamento dos fatores: ausência de clítico, Subjuntivo/Indicativo e a Variável dependente.

Em relação a esses resultados, apresentamos o gráfico abaixo:

³⁰ Gráfico referente à Tabela 4 do Apêndice A.



O Gráfico 6³¹ representa o cruzamento entre a Variável dependente, Subjuntivo, Indicativo e a Ausência de clítico. Nele, a ausência de clítico foi significativa em ambos os séculos, em um percentual de 84% (oitenta e quatro por cento) de ausência no século XX e 96% (noventa e seis por cento) de ausência no século XXI. Como exemplo, podemos observar (48), em que não há a presença do clítico e o verbo na forma imperativa está associado ao subjuntivo (século XX), além disso, o exemplo (49) também não apresenta clítico e o verbo na forma imperativa está associada ao indicativo (século XXI):

(48) Vá beijar a lona, Ben!³²

(49) Joga a boia!³³

Já foi verificado que Subjuntivo/Indicativo são fatores de grande relevância para esta pesquisa, visto que a análise consiste em observar o comportamento do imperativo nos séculos XX e XXI. Cada variação observada foi relacionada à forma imperativa: se junto ao subjuntivo ou ao indicativo.

Lembrando que tal fato se deve à quantidade de ocorrências encontradas com subjuntivo no século XX e com indicativo no século XXI. No século XX, temos um percentual de 85% (oitenta e cinco por cento) de imperativo associado ao subjuntivo e, no século XXI, temos um percentual de 96% (noventa e seis por cento) de

³¹ Gráfico referente à Tabela 5 do Apêndice A.

³² Exemplo retirado do *Jornal Lavoura e Comércio*, edição publicada em 01 de maio de 1955.

³³ Exemplo retirado do *Jornal da Manhã*, edição publicada em 03 de setembro 2001.

imperativo associado ao indicativo. Esse grande número de ocorrências em cada século favorece o número de ausências de clítico no subjuntivo no século XX e no indicativo no século XXI.

A pesquisa de Scherre (2003) evidencia que a simples presença de clítico, anteposto ou posposto, favorece o imperativo na forma subjuntiva. Nos próximos itens, há resultados a respeito do clítico anteposto e posposto, respectivamente.

A seguir, analisamos o comportamento do clítico anteposto ao verbo na forma imperativa.

Tabela 11: Clítico anteposto x Subjuntivo/Indicativo x Variável dependente

		Subjuntivo		Indicativo	
		Nº	%	Nº	%
Clítico anteposto	século XX	1	100%	0	-
	século XXI	0	-	2	100%
Total		1	100%	2	100%

Quanto às ocorrências de clítico anteposto ao verbo na forma imperativa associado ao indicativo ou ao subjuntivo nos séculos XX e XXI, observamos um percentual de 100% (cem por cento) de clítico anteposto ao verbo na forma subjuntivo no século XX, conforme o exemplo (50), e 100% (cem por cento) de clítico anteposto ao verbo na forma indicativa no século XXI, conforme os exemplos (51) e (52).

(50) Não se esqueça de nada, ein professor?³⁴

(51) Me ajuda!³⁵

(52) Me esquece ou!³⁶

Tais frequências não foram consideradas expressivas para afirmar que a anteposição do clítico em ambos os séculos é uma fator relevante, pelo fato de a quantidade de amostras de clítico anteposto ao imperativo na forma subjuntiva no século XX ser de apenas uma ocorrência, e, no século XXI, foram encontradas duas ocorrência de clítico anteposto ao imperativo na forma indicativa.

³⁴ Exemplo retirado do *Jornal Lavoura e Comércio*, edição publicada em 16 de junho de 1957.

³⁵ Exemplos (50) e (51) foram retirados do *Jornal da Manhã*, edições publicadas em 04 de outubro de 2003 e 24 de novembro de 2005, respectivamente.

³⁶ Exemplo retirado do *Jornal da Manhã* (09/03/2003).

A Tabela 12, a seguir, apresenta os resultados do cruzamento entre clítico posposto ao verbo, Subjuntivo/Indicativo e variável dependente.

Tabela 12: Clítico posposto ao verbo x Subjuntivo/Indicativo x Variável dependente

		Subjuntivo		Indicativo	
		Nº	%	Nº	%
Clítico posposto	século XX	4	100%	0	-
	século XXI	0	-	0	-
Total		4	100%	0	-

A Tabela 12 apresenta o cruzamento da variável dependente, Subjuntivo/Indicativo e clítico posposto. Nele temos um percentual de 100% (cem por cento) de clítico posposto associado ao subjuntivo no século XX³⁷, como observado no exemplo (53). O grupo de fator posição do clítico não se mostrou relevante em nossa pesquisa.

(53) Mande-me outra pá!³⁸

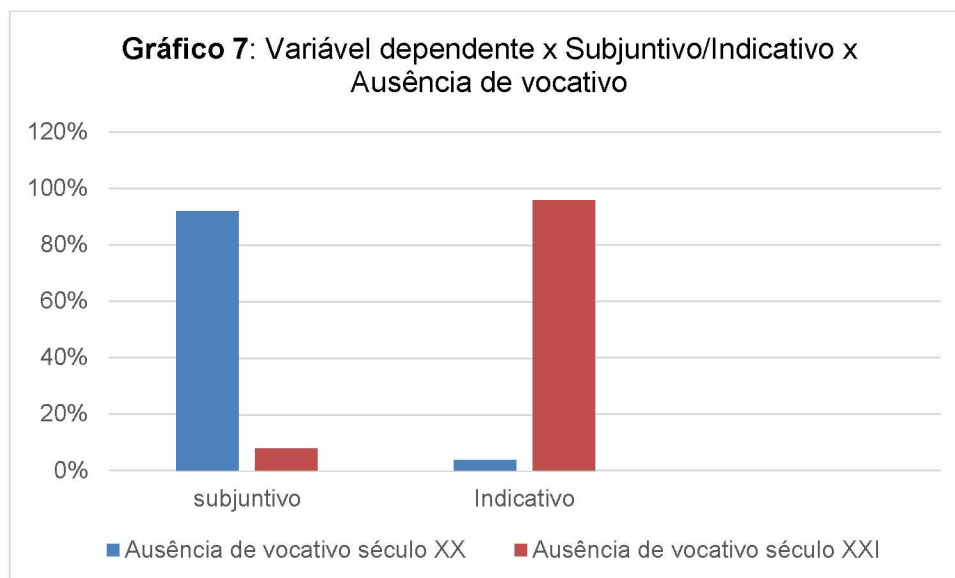
Uma hipótese para a pequena mudança vista quanto à posição do clítico é a de que, no século XX, haveria a pressão da Gramática Normativa, sendo os jornais pressionados a utilizar a língua conforme o que nelas havia prescrito. O clítico posposto indica a língua conforme as regras tradicionais, muito distante do que a que utilizamos todos os dias. No século XXI, com uma certa liberdade, sem as amarras da Gramática Normativa, os jornais puderam se aproximar do que é realmente utilizado pelos seus falantes, neste caso, o clítico anteposto ao verbo na forma imperativa.

3.3.2 Vocativo x Subjuntivo/Indicativo x Variável dependente

O Gráfico 7, a seguir, apresenta o cruzamento da ausência de vocativo, Subjuntivo/Indicativo e a variável dependente.

³⁷ Foram encontradas quatro ocorrências de clítico posposto ao imperativo na forma subjuntiva no século XX e nenhuma no século XXI, seja associado ao subjuntivo ou ao indicativo.

³⁸ Exemplo retirado do Jornal Lavoura e Comércio (15/01/62).



O Gráfico 7³⁹ representa o cruzamento entre a ausência de vocativo, os verbos na forma imperativa associados ou ao subjuntivo, ou ao indicativo e à variável dependente. Nele, a ausência de vocativo no subjuntivo, no século XX, representa um percentual de 92% (noventa e dois por cento) contra 8% (oito por cento) no século XXI. Na forma imperativa associada ao indicativo houve 96% (noventa e seis por cento) de ausência no século XXI e 4% (quatro por cento) no século XX. Como exemplos da ausência do vocativo, ora no subjuntivo, conforme o exemplo (54), ora no indicativo, conforme o exemplo (55), nos séculos XX e XXI, respectivamente:

(54) Repare!⁴⁰

(55) Saaaaai!⁴¹

Em ambos os exemplos, percebemos a ausência do vocativo, tanto no verbo na forma imperativa associado ao subjuntivo, quanto ao verbo na forma imperativa associado ao indicativo. Segundo Scherre (2003), a ausência de vocativo nas estruturas favorece, relativamente, o imperativo na forma subjuntiva. Neste caso, observamos uma confirmação de tal afirmação, pois há 92% (noventa e dois por cento) de ocorrências com vocativo ausente no subjuntivo no século XX. Não podemos fazer a mesma afirmação para o século XXI, pois também encontramos

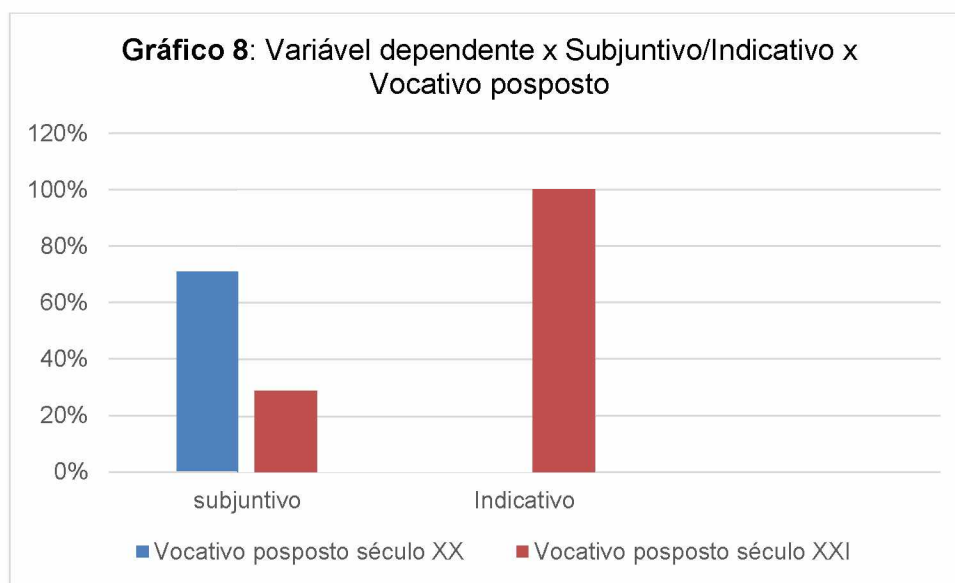
³⁹ Gráfico referente à Tabela 6 do Apêndice A.

⁴⁰ Exemplo retirado do *Jornal Lavoura e Comércio*, edição publicada em 18 de abril de 1957.

⁴¹ Exemplo retirado do *Jornal da Manhã*, edição publicada em 30 de agosto de 2005.

um percentual significativo de ocorrências com ausência de vocativo associado ao indicativo.

O cruzamento correspondente da variável dependente com as formas do imperativo associadas ao subjuntivo ou indicativo e vocativo posposto apresentou o seguinte resultado:



O Gráfico 8⁴² apresenta os percentuais para o emprego do vocativo posposto associado ao subjuntivo ou indicativo nos séculos XX e XXI. No século XX, temos um percentual de 71% (setenta e um por cento) de vocativo posposto, conforme o exemplo (56), e 29% (vinte e nove por cento) de vocativo posposto no século XX associados ao subjuntivo. Associado ao indicativo, não houve ocorrências dessa forma no século XX e 100% (cem por cento) no século XXI, conforme o exemplo (57), com total de nove ocorrências de vocativo posposto:

(56) Entre, Eric!⁴³

(57) Vai, garoto!⁴⁴

Scherre (2003) afirma que a presença de vocativo nas estruturas favorece relativamente o imperativo na forma indicativa. Obtivemos, de fato, 100% (cem por cento) de vocativo posposto associado ao verbo na forma imperativa associado ao

⁴² Gráfico referente à Tabela 7 do Apêndice A.

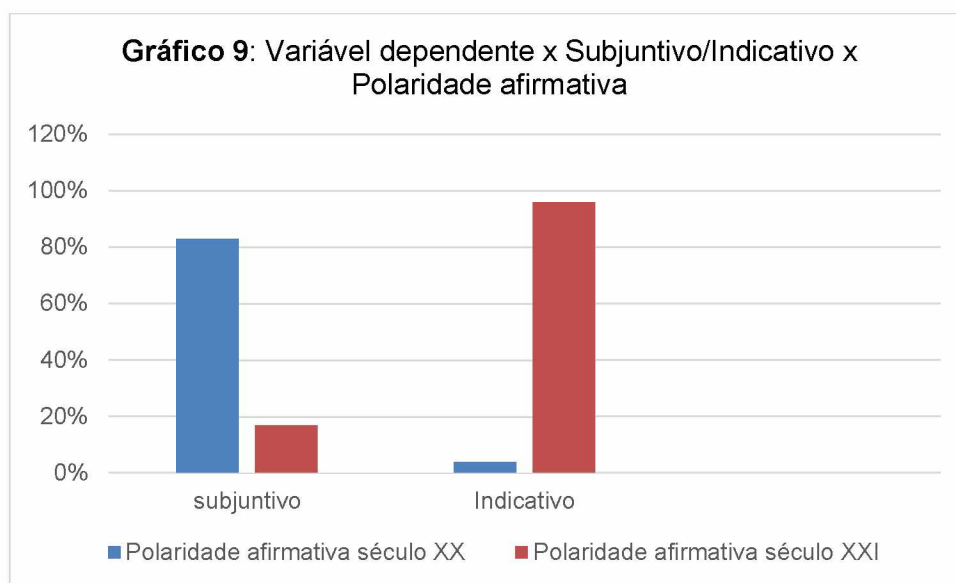
⁴³ Exemplo retirado do *Jornal Lavoura e Comércio*, edição publicada em 09 de setembro de 1955.

⁴⁴ Exemplo retirado do *Jornal da Manhã*, edição publicada em 31 de maio de 2005.

indicativo no século XXI. No século XX, não foi encontrada nenhuma ocorrência. De acordo com Scherre (2007), a presença do vocativo favorece o imperativo associado ao indicativo assegurar a leitura imperativa do enunciado.

3.3.3 Polaridade afirmativa e negativa x Subjuntivo/Indicativo x Variável dependente

O Gráfico 9, a seguir, representa o cruzamento entre a polaridade afirmativa, subjuntivo/indicativo e a variável dependente:



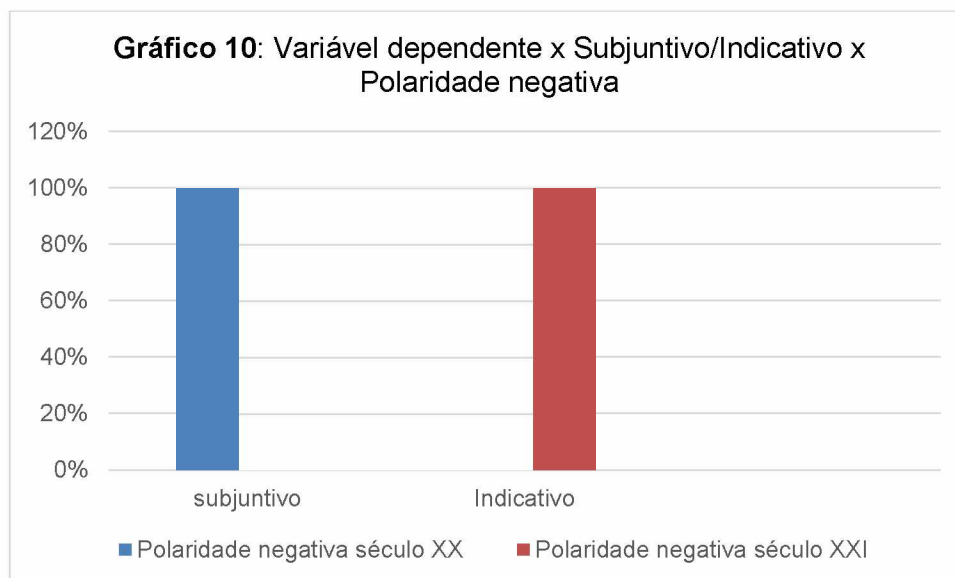
O Gráfico 9⁴⁵ apresenta o resultado do cruzamento entre a variável dependente, subjuntivo/indicativo e a polaridade afirmativa. Observamos um percentual de 83% (oitenta e três por cento) de polaridade afirmativa associada ao subjuntivo no século XX contra 17% (dezessete por cento) no século XXI. No indicativo, observamos 96% (noventa e seis por cento) de polaridade afirmativa no século XXI contra 4% (quatro por cento) no século XX. Segundo Scherre (2003), estruturas afirmativas favorecem, relativamente, o imperativo na forma indicativa, como demonstrado no Gráfico 9. O imperativo associado ao indicativo e com estruturas afirmativas ocorreu em 96% (noventa e seis por cento) dos casos, como em (58):

(58) Bota ele na justiça!⁴⁶

⁴⁵ Gráfico referente à Tabela 8 do Apêndice A.

⁴⁶ Exemplo retirado do *Jornal da Manhã*, publicado em 11 de novembro de 2004.

O Gráfico 10, a seguir, apresenta o cruzamento entre a polaridade negativa, Subjuntivo/Indicativo e a variável dependente:



O Gráfico 10⁴⁷ representa os percentuais do cruzamento entre a variável dependente, Subjuntivo/Indicativo e polaridade negativa. Observamos um percentual de 100% (cem por cento) de polaridade negativa conforme o exemplo (59), com o verbo na forma imperativa associado ao subjuntivo no século XX. Associado ao subjuntivo no século XX, não foram encontradas ocorrências na polaridade negativa.

No século XXI, encontramos um percentual de 100% (cem por cento) de polaridade negativa associada ao indicativo, conforme o exemplo (60), e não houve ocorrência de polaridade negativa associada ao indicativo no século XX.

(59) Não tente nada engraçado, querido!⁴⁸

(60) Não aparece aqui de novo!⁴⁹

Scherre (2003) afirma que a polaridade negativa favorece o imperativo na forma subjuntiva, mas ressalta que o imperativo no PB pode ser afirmado ou negado, diferentemente do Português de Portugal.

⁴⁷ Gráfico referente à Tabela 9 do Apêndice A.

⁴⁸ Exemplo retirado do *Jornal Lavoura e Comércio*, edição publicada em 11 de dezembro de 1960.

⁴⁹ Exemplo retirado do *Jornal da Manhã*, edição publicada em 25 de julho de 2009.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Um trabalho de cunho sociolinguística é importante para a apresentação de dados que podem subsidiar pesquisas posteriores. E, concluída a análise dos dados no Capítulo 3, é necessário retomarmos aos questionamentos que nortearam nossa pesquisa.

No presente trabalho foi possível confirmar a hipótese de que o século XX apresenta o imperativo associado ao subjuntivo, enquanto que o século XXI apresenta o imperativo associado ao indicativo. No cruzamento dos dados, o fator Subjuntivo/Indicativo associado aos séculos foi o mais relevante, sendo indispensável para a realização dos outros cruzamentos. No século XX, foi encontrado o subjuntivo num percentual de 85% (oitenta e cinco por cento) e, no século XXI, encontramos o indicativo numa ordem de 97% (noventa e sete por cento). Percebemos claramente uma inversão no uso das formas imperativas associadas ao subjuntivo ou indicativo. Um possível motivo apresentado se deve ao fato de que, no século XX, os jornais ainda sofrem a pressão da Gramática Normativa, escrevendo conforme o que nela era prescrito. Em contrapartida, no século XXI, parece-nos que houve uma diminuição de tal pressão, o que possibilitou que o jornal pudesse se aproximar de como o imperativo é de fato usado.

Foi realizado, também, o cruzamento dos dados para um maior refinamento das análises. No cruzamento de ausência de clítico com Subjuntivo/Indicativo e a variável dependente, obtivemos uma ausência significativa em ambos os séculos, em uma ordem de 84% (oitenta e quatro por cento) no século XX, associada ao subjuntivo, e, no século XXI, 96% (noventa e seis por cento) associado ao indicativo.

No cruzamento com o clítico anteposto, obtivemos poucas ocorrências. Apenas uma no século XX, associada ao subjuntivo, e duas no século XXI, associadas ao indicativo, totalizando um percentual de 100% (cem por cento) em cada. A pesquisa de Borges (2005) afirma que o clítico anteposto ao verbo favorece o aparecimento da forma variante.

Scherre (2003) afirma que a simples presença do clítico favorece o imperativo na forma indicativa, sendo assim, estipulamos nossa hipótese de que a presença do clítico, seja posposto ou anteposto, favorece a presença do imperativo na forma

indicativa. Pudemos observar que os usos do clítico anteposto não foram muito frequentes em ambos os séculos, para indicar que haja um favorecimento por tal forma.

Quanto ao cruzamento com o clítico posposto, Subjuntivo/Indicativo e a variável dependente, foram encontradas apenas quatro ocorrências de clítico posposto ao imperativo na forma subjuntiva no século XX, numa frequência de 100% (cem por cento) e nenhuma ocorrência de clítico posposto no século XXI, indicando 0%(zero por cento). As pesquisas de Scherre (2003) e Borges (2005) concluem que o clítico depois do verbo favorece o imperativo na forma subjuntiva. A quantidade de ocorrências encontrada para esse grupo de fator não se mostrou relevante.

Outro cruzamento realizado foi o de ausência do vocativo, Subjuntivo/Indicativo e a variável dependente. A ausência de vocativo representa uma ordem de 92%(noventa e dois por cento) no século XX, associado ao subjuntivo e 96% (noventa e seis por cento) de ausência no século XXI. Nossa hipótese, a de que a presença do vocativo favorece o uso do imperativo na forma indicativa, foi confirmada no século XX, pois temos a maior ausência ligadas ao imperativo no subjuntivo. Segundo Scherre (2003), a ausência de vocativo favorece o imperativo na forma subjuntiva.

No cruzamento do vocativo posposto com Subjuntivo/Indicativo e a variável dependente, obtivemos um percentual de 71% (setenta e um por cento) de vocativo posposto associado ao subjuntivo no século XX e 100%(cem por cento) no século XXI, associado ao indicativo. Nesse caso, confirmamos nossa hipótese de que a presença do vocativo favorece o uso do imperativo associado ao indicativo, numa frequência de 100% (cem por cento). Nosso resultado condiz com a pesquisa de Scherre (2007), a qual diz que a presença do vocativo favorece o imperativo indicativo pois assegura a leitura imperativa do enunciado.

A polaridade afirmativa cruzada com o Subjuntivo/Indicativo e a variável dependente apresentou 83% (oitenta e três por cento) de polaridade afirmativa associada ao imperativo subjuntivo no século XX. No século XXI, encontramos 96% (noventa e seis por cento) de polaridade afirmativa associada ao imperativo na forma indicativa. Tal fato evidenciou a confirmação da hipótese apresentada de que a polaridade afirmativa favorece o imperativo associado ao indicativo e confirmou,

também, o que foi apresentado na pesquisa de Scherre (2003), as estruturas afirmativas favorecem relativamente o imperativo na forma indicativa.

O cruzamento dos dados com a polaridade negativa, Subjuntivo/Indicativo e a variável dependente apresentou percentual de 100%(cem por cento) no século XX e 100% (cem por cento) no século XXI. Scherre (2003) e Alves (2008) afirmam que a polaridade negativa favorece o imperativo na forma subjuntiva. Observamos que isso foi confirmado no século XX, o que atesta nossa hipótese de que a polaridade afirmativa favorece o uso do imperativo na forma indicativa e não na forma subjuntiva.

Há muito o que ainda pode ser pesquisado sobre o imperativo, principalmente na região do Triângulo Mineiro. Pesquisas futuras podem ampliar ou modificar o *corpus*, investigar se há variação na língua falada, contribuindo com os estudos variacionistas no Brasil.

REFERÊNCIAS

- ALVES, J. O imperativo gramatical em histórias em quadrinhos baianas. **Revista Philologus**. Ano 14, n. 42, Rio de Janeiro: Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos, 2008.
- BAGNO, M. **Gramática pedagógica do português brasileiro**. São Paulo: Parábola, 2014.
- BORGES, P. **Formas imperativas em tiras de jornais paulistas**. São Paulo: GEL, 2005.
- CAMARA JR., J. M. **Dicionário de linguística e gramática**: referente à língua portuguesa. Petrópolis: Vozes, 1977.
- CASTILHO, A. **Nova Gramática do Português Brasileiro**. São Paulo: Contexto, 2010.
- CARDOSO, D. B. B. **A variação no uso do modo imperativo nos textos de José J. Veiga**. Rio de Janeiro: Abralín, 2003.
- CHOMSKY, N. **Aspectos da teoria da sintaxe**. 2.ed. Coimbra: Armênio Amado, 1978.
- CUNHA, C & CINTRA, L. **Nova Gramática do Português Contemporâneo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2010.
- DIONÍSIO, A. P. (org.). **Gêneros textuais e ensino**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005, 4ed.
- DUARTE, M. Avanço no estudo da mudança sintática associando a Teoria da Variação e Mudança e a Teoria de Princípios e Parâmetros. **Cadernos de Estudos Linguísticos**. Campinas: 2015.
- GOLDVARB, 2001.
- GUY, G; ZILLES, A. **Sociolinguística quantitativa**: instrumental de análise. São Paulo: 2007.
- HOCHBERG, J. **Functional compensation for /s/ deletion in Puerto Rican Spanish**. *Language*, 62, 3: 609-621, 1986.
- LABOV, W. **Padrões Sociolinguísticos**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008 (1972), p. 215-299.
- LUCCHESI, D. **A Teoria da Variação Linguística: um balanço crítico**. *Estudos Linguísticos*, São Paulo, v. 41, n. 2, maio/ago. p. 793-805, 2012.

FARACO, C. A. O tratamento você em português: uma abordagem histórica. In: **Fragmenta**. Curitiba: Editora da Universidade Federal do Paraná (UFPR), n.13, 1996, p. 51-82.

Jornal Lavoura e Comércio (LC). Disponível em <<http://www.codiub.com.br/lavouraecomercio/pages/main.xhtml>>. Acesso em: 22 de abril de 2015.

Jornal da Manhã (JM). Disponível em <<http://www.jmonline.com.br/novo/>>. Acesso em: 18 de julho de 2015.

LABOV, W. **Padrões Sociolinguísticos**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

LINS, M. P. P. **A continuidade tópica no gênero textual nas tiras de quadrinhos**. Vitória: EDUFES, 2008.

MARCUSCHI, L. A. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MELO, G. C. **Gramática Fundamental da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1970, 2ed.

PAREDES SILVA, V. L. *et al.* **Variação na 2ª pessoa**: o pronome sujeito e a variação do imperativo. Niterói: Gragoatá, n. 9, 2000, p. 115-123.

POMBAL, D. O uso dos pronomes de tratamento no texto publicitário. In: **Cadernos do CNLF**: VII Congresso Nacional de Linguística e Filologia. Série VII, n. 11 (Morfossintaxe). Rio de Janeiro: CIEFIL, 2003.

SAMPAIO, D. **Modo imperativo: sua manifestação/expressão no português contemporâneo**. 2001. Dissertação (Mestrado em Letras) – Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2001.

SANKOFF, G. e TARALLO, F. **Relativization and anaphora in spoken language**. Revista DELTA - Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada, 3, 2: 197-214, 1987.

SANTOS, R. E. **Para reler os quadrinhos Disney**: linguagem, evolução e análise de HQs. São Paulo: Paulinas, 2002.

SAUSSURE, F. **Curso de Linguística Geral**. São Paulo: Cultrix, 2006.

SCHERRE, M. M. P. Norma e uso na expressão do imperativo em revistas em quadrinhos da Turma da Mônica. In: SILVA, D. E. G.; LARA, G. M. P.; MENEGAZZO, M. A.(org). **Estudos de linguagem**: inter-relações e perspectivas. Campo Grande: Ed. UFMS, 2003, p. 177-191.

SCHERRE, M. M. P. *et al.* Reflexões sobre o imperativo em Português. In: **Revista D.E.L.T.A.** 23. São Paulo: 2007, p.193-241.

SILVA, A. F. **A tradução do humor crítico-social nas histórias em quadrinhos da Mafalda**: linguagem das histórias em quadrinho. 2010. 33p. Monografia de Especialização em Tradução – Universidade Gama Filho, Brasília.

TARALLO, F; KATO, M. **Harmonia trans-sistêmica**: variação intra e inter-linguística. Campinas: Editora da Unicamp, 1989.

TARALLO, F. **A pesquisa sociolinguística**. São Paulo: Ática, 1997 (Série Princípios).

WENREICH, U; LABOV, W; HERZOG, M. I. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística**. Parábola Editorial: São Paulo, 2009.

APÊNDICE A

Tabela 1: Imperativo associado ao Subjuntivo x Indicativo x Variável dependente-leitura horizontal

	Século XX		Século XXI		Total	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Subjuntivo	47	85%	8	15%	55	100%
Indicativo	2	3%	58	97%	60	100%

Tabela 2: Clítico posposto/anteposto/ausente x Variável dependente

	Século XX		Século XXI		Total	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Ausência de clítico	44	44%	54	56%	98	100%
Clítico anteposto	1	33%	2	67%	3	100%
Clítico posposto	4	100%	0	0%	4	100%

Tabela 3: *Vocativo posposto/ausente x Variável dependente*

	Século XX		Século XXI		Total	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Vocativo posposto	37	46%	52	54%	89	100%
Vocativo ausente	12	41%	14	59%	26	100%

Tabela 4: Polaridade da estrutura x Variável dependente

	Século XX		Século XXI		Total	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Polaridade afirmativa	40	42%	54	58%	94	100%
Polaridade negativa	9	42%	12	58%	21	100%

Tabela 5: Ausência de clítico x Subjuntivo/ Indicativo x Variável dependente

		Subjuntivo		Indicativo	
		Nº	%	Nº	%
Ausência de Clítico	século XX	42	84%	2	4%
	século XXI	8	16%	46	96%
Total	séculos	50	100%	48	100%

Tabela 6: Ausência de vocativo x Subjuntivo/Indicativo x Variável dependente

		Subjuntivo		Indicativo	
		Nº	%	Nº	%
Ausência de vocativo	século XX	35	92%	2	4%
	século XXI	3	8%	49	96%
Total		38	100%	51	100%

Tabela 7: Vocativo posposto x Subjuntivo/Indicativo x Variável dependente

		Subjuntivo		Indicativo	
		Nº	%	Nº	%
Vocativo posposto	século XX	12	71%	0	0%
	século XXI	5	29%	9	100%
Total		17	100%	9	100%

Tabela 8: Polaridade afirmativa x Subjuntivo/ Indicativo x Variável dependente

		Subjuntivo		Indicativo	
		Nº	%	Nº	%
Polaridade afirmativa	século XX	38	83%	2	4%
	século XXI	8	17%	46	96%
Total		46	100%	48	100%

Tabela 9: Polaridade negativa x Subjuntivo/Indicativo x Variável dependente

		Subjuntivo		Indicativo	
		Nº	%	Nº	%
Polaridade negativa	século XX	9	100%	0	0%
	século XXI	0	0%	12	100%
Total		9	100%	12	100%